

DANIEL COUTINHO



Em Algum Lugar...





**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*

# Em Algum Lugar

Daniel Coutinho Moreira Felix

Fortaleza - Ceará  
2017



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*

**Camilo Sobreira de Santana**  
Governador

**Maria Izolda Cela de Arruda Coelho**  
Vice-Governadora

**Antonio Idilvan de Lima Alencar**  
Secretário da Educação

**Márcia Oliveira Cavalcante Campos**  
Secretária Adjunta da Educação

**Rita de Cássia Tavares Colares**  
Secretária Executiva da Educação

**Danielle Taumaturgo**  
Assessoria Institucional

**Julianna da Silva Sampaio**  
Assessoria de Comunicação - ASCOM

**Rogers Vasconcelos Mendes**  
Coordenador da CODEA/Gestão Escolar

**Iane Terceiro Nobre**  
Orientadora da Célula de Currículo e Formação

**Elane Maria Feijó Borges**  
Orientadora da Célula de Desenvolvimento do Currículo e da Aprendizagem

**Paulo Venício Braga de Paula**  
Centro de Documentação e Informações Educacionais

## **Coordenação**

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Cordenadoria de Desenvolvimento da Escola/ Gestão Pedagógica

## **Conselho Editorial**

Prof. Adriano Silva Lima  
Dr. Antônio Roberto Barreto Melo  
Prof. Alexandre Leite  
Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira  
Prof. Cintia Kelly Barroso Oliveira  
Prof. Daniel Vasconcelos Rocha  
Profa. Ely Almeida  
Profa. Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda  
Prof. Felipe Fontenele Oliveira  
Prof. Genivaldo Macário Castro  
Profa. Gleissiane Ferreira  
Profa. Hylo Leal Pereira  
Profa. Iane Terceiro Nobre  
Prof. Ilde Guedes da Silva  
Prof. Jenilson Sousa Nogueira  
Prof. Jeimes Mazza  
Prof. José Evangelista de Carvalho Moreira  
Profa. Liduina Maria de Paula Medeiros  
Prof. Marcus R. Vale  
Prof. Rickardo Leo Ramos Gomes  
Prof. Rosendo Amorim de Freitas  
Prof. Pedro Jorge Caldas Magalhães  
Profa. Paula de Carvalho Ferreira  
Prof. Paulo Venício Braga de Paula  
Profa. Sandra Ma Silva Leite Reis  
Profa. Tereza Cristina de Freitas Oliveira  
Profa. Antonia Varele Gama Silva

## **Edição**

### **Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica**

Prof. Paulo Venício Braga de Paula

## **Revisão**

Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira  
Profa. Erika Nogueira Brandenburg  
Prof. Jenilson Sousa Nogueira  
Profa. Liduina Maria de Paula Medeiros  
Profa. Paula de Carvalho Ferreira  
Prof. Rosendo Amorim de Freitas

Este trabalho contou com o apoio da Seara da Ciência  
Universidade Federal do Ceará/UFC



**Produção da Revista**  
ASCOM - Assessoria de Comunicação

**Projeto Gráfico**  
Gráfica Digital da SEDUC

**Diagramação e Arte-Final**  
Gráfica Digital da SEDUC

**Normalização Bibliográfica**  
Elizabeth de Oliveira da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387c Ceará. Secretaria da Educação.  
Em Algum lugar... contos / Secretaria da Educação; Daniel  
Coutinho Moreira Felix. - Fortaleza: SEDUC, 2017  
80 p.

**ISBN: 978-85-8171-164-5**

1. Conto Brasileiro. 2. Ficção. I Felix, Daniel Coutinho  
Moreira II. Título.

CDD 869.3

[www.seduc.ce.gov.br](http://www.seduc.ce.gov.br)



[www.facebook.com/EducaoCeara](https://www.facebook.com/EducaoCeara)

*Dedico este livro aos autores cearenses,  
estas criaturas sinistras cujos sonhos  
florescem em algum lugar.*

---

# Apresentação

---

## PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar o professor. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008 foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação continuada por pares. O amadurecimento dessa ação, que aposta no protagonismo docente, gerou desdobramentos substanciais dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários selecionados para publicação passam por um processo público de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc), em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar pública suas produções com seus pares.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado) ou Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto). São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos em língua portuguesa em consonância com os Direitos Humanos.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará mais uma vez faz História. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

# Sumário |

ENTRADA FRANCA - 08
SILENCIOSAMENTE, TRÁGICO - 10
A OBRA - 13
UM DIA APENAS - 17
ÓDIO SOBRE SANGUE - 23
MANUSCRITO DE UMA MENINA - 26
OS PONTEIROS - 30
ETERNAS CICATRIZES - 33
DA JANELA DO ÔNIBUS - 39
CONTO IRRACIONAL - 43
NUNCA MAIS CRIANÇA - 47
PERMISSÃO PARA PECAR - 51
A DIVORCIADA - 55
LITERATURA POR TODOS OS LADOS - 59
TUDO AO MESMO TEMPO - 61
PRINCESA ENCANTADA - 64
ANTES DO AZUL CHEGAR - 70
UNIÃO INSTÁVEL - 73
ONDE ESTÁ A FELICIDADE? - 78
SEM SAÍDA - 80

# ENTRADA FRANCA

Em algum lugar, andava ela, sem saber aonde ir. Com os pés descalços, seguia, desesperadamente, como se alguém a estivesse perseguindo. Tinha medo de parar. Algo podia lhe acontecer antes mesmo que ela percebesse. Por isso, quando descansava por um minuto, apoiada em alguma árvore, respirando ofegante, estremecia, olhando rapidamente para todas as direções, para logo em seguida voltar à corrida que a levava cada vez mais para longe.

Assim, ela parecia flutuar com seu vestido branco; a seda esvoaçando ao vento, à cadência de seus longos cabelos. Passaria por uma alma vagueando pelo silêncio da floresta, em busca de algum refúgio no seio da mata virgem.

Quando já estava esmorecendo daquele esforço inexplicável, no meio do caminho, encontrou largos portões que davam entrada a um imenso jardim. Escancarados, eles ofereciam abrigo a quem quer que andasse por aquelas bandas, entrada franca para os seres fúgitivos da floresta, lugar secreto onde poderiam repousar as angústias dos seres perseguidos.

Extasiada com o belíssimo painel que se abriu diante de seus olhos, ela desejou conhecer o jardim. Lembrou-se de algum perigo que poderia vir a correr. Que seres sinistros não se esconderiam naquele lar tão convidativo, de livre acesso aos bons e aos maus? Mesmo assim, ela não tinha nada a perder. Ali, sozinha, no meio do nada, tudo era sempre mais perigoso. Não encontrava vantagem nenhuma em correr como uma louca, sem nenhum destino, sem um alvo fixo que pretendesse. Por isso, era melhor entrar naquele paraíso perdido que talvez não fosse mais que uma miragem, uma alucinação provocada pelo pavor.

Sentiu um leve arrepio ao traspasar os portões que abriam um novo mundo para ela; apresentavam uma existência de todo desconhecida, mas que acontecia ali, especialmente para ela.

Naquele éden moderno, podia-se respirar tranquilamente. Seu coração desacelerou. Escapou sua tensão e deixou-se invadir pelo ânimo. Estava em paz. Numa gostosa sensação de liberdade, caiu propositalmente num berço de pétalas aromáticas que se confundiam no desalinho de sua cabeleira.

Inebriada com as sensações que lhe proporcionava aquele meio, começou a

rir. Riu-se de felicidade, virando-se de um lado para o outro, remexendo os braços pelo chão, deixando a fina areia deslizar por entre seus delicados dedos. Sentia-se feliz ali. Dizia consigo mesma: “Não saio mais daqui”. E, definitivamente, convencida de que ali era o seu lugar, fechou os olhos, respirou fundo e adormeceu.

Naquele pouso maravilhoso, teve um sono profundo que a levou para longe dali. Sim... Como ela sonhou... Sonhou por tanto tempo, por tantas horas, que seu sonho mudava constantemente. Neles, viu uma porção de pessoas, seres desconhecidos, passando por tantas situações diferentes, algumas inacreditáveis.

Quem seriam aquelas pessoas? Haveria alguma ligação entre elas e o seu destino? Sentiu como se estivesse morta, sua alma vagando de casa em casa; ela, testemunha eterna de mil e um causos.

Os portões estão abertos. Seja bem-vindo a conhecer toda a fantasia e a realidade que um dia, em algum lugar, ela sonhou.

# SILENCIOSAMENTE, TRÁGICO

Havia uma incerteza nele. Ali, na multidão, começara a ralar consigo, dividido entre suas próprias ideias. Por um momento, pensara em desistir de seu projeto. Alguém poderia ver. Sempre apareceria alguém para acusá-lo depois. E depois, quem se lembraria dele? Quem se lembraria de um pobre coitado que nada representava no meio daquela multidão? As pessoas passavam por ele e o olhavam com indiferença. Ele percebia e ficava matutando, roendo as unhas, deixando escapar uma praga, e cuspia logo em seguida, num gesto de desprezo. Sabia que era um desconhecido, um reles anônimo, desses que circulam pelas ruas sem ver nem pra quê. Estava cansado daquilo. Desejava ser cumprimentado. Queria que alguém lhe perguntasse o nome; esse nome que, de tão insignificante, ninguém o sabia.

Fazia tempo que estava com aquela ideia na cabeça. O que faltava era ânimo para pô-la em prática. Tinha medo de certas consequências que, maquinaismente, calculava, imaginando uma porção de possibilidades e caminhos pelos quais podia seguir o feitio que desejava lograr. Contudo, na pior das possibilidades imaginadas por ele, nada impediria que conseguisse alcançar o seu objetivo. Isto era segredo. Nem sua mãe o sabia; nem poderia saber mesmo. Uma vez que se passasse pela sua cabeça um tal projeto, teria um acesso mortal, tamanho seria o seu susto. Era por isso mesmo que ele resolvera calar-se. Jamais ousou pronunciar seu plano nem mesmo para sua sombra.

— Ninguém sabe — dizia e, em seguida, soltava um riso bárbaro, orgulhoso de todo o esforço que estava empregando para realizar a sua façanha.

Depois que a fizesse, ele seria outro. Todos o reconheceriam; saberiam até o seu nome; e este mesmo nome seria repetido de boca em boca, de casa em casa, em toda a parte. Seria a glória! E nenhuma consequência poderia tragá-la, impedi-la de realizar-se à sua volta. Dali em diante, seria respeitado. Todos reconheceriam o seu valor. Homens e mulheres cairiam aos seus pés, em reverência à sua imagem, revestida pela lembrança de sua engenhosidade.

E queria começar logo. Estava muito ansioso. O tempo passava e nada ganhava em esperar. Se a vida lhe tivesse dado um pouco mais de coragem...

Nisso, lembrava em como surgira sua genial ideia. Fora assim de repente,

num dia em que trazia na alma um imenso desprezo. Por quem? Quem poderia dizê-lo? Nem ele o sabia. O desprezo entrara-lhe no seio, tal como uma nuvem negra se aproxima, anunciando uma tremenda tempestade. Chovia dentro dele. Podia ouvir estrondosos trovões e via luzes que ofuscavam-lhe a vista, de maneira que já não podia discernir as coisas com clareza. Nem sabia onde estava. Onde quer que estivesse, daí estaria longe. Via, sim, claramente, um filme da sua vida. Que medíocre era! Não possuía nada do qual se orgulhasse, e menos que pudesse ser louvável aos olhos dos outros. Não tinha valor algum para o mundo. Quando muito, provocava um riso em alguém, e em outros, uma terrível pena. Não podia perdoar o riso; a pena, menos ainda.

Quando seus olhos se aperceberam do mundo, ainda no dia em que nascera sua ideia, deu de cara com uma pistola, caída no chão. Esteve perplexo com aquela visão, não pelo peso e horror da imagem; antes, pela ideia que nascia-lhe no íntimo.

— De quem será? — perguntava-se, ao tempo que juntava do chão a pistola pelo cano.

A arma estava carregada. Ele bem o verificou. Estava sozinho, a uma considerável distância dos carros e dos transeuntes. Uns três urubus voavam ao alto, farejando a vítima da pistola perdida. Sim, ela fora usada. Ainda estava quente. Ele tinha certeza do ocorrido. Fora uma dessas mortes por encomenda, em que o matador conduz a vítima a um lugar como aquele, em que ninguém poderia testemunhar seu crime. Fora exatamente assim. Mas como o instrumento do delito fora parar ali, jogado no chão? Ah... Não fora por acaso! Um incidente provavelmente a deixara ali, especialmente para ele ou, antes, para o nascimento do seu plano. Só lhe restava cumprir.

O diabo era a sua covardia! Ele sabia exatamente o que tinha a fazer. Faltava-lhe coragem, ainda assim. Talvez fosse a multidão. Aquele vaivém de pessoas o inquietava e punha-o ainda mais nervoso.

— Quando não tiver tanta gente... — calculava em pensamento.

Esperou mais alguns minutos. Uma hora passada, tudo parecia mais tranquilo. Já era a boca da noite. A lua derramava sua prata sobre a cidade e fazia um frio arrepiante. Ele tremia. Estava chegando a hora. A qualquer momento, realizaria o seu intento. Foi aí que começou a observar melhor os indiferentes. Qual deles seria o escolhido? O senhor de jaquetão azul? Ou quem sabe aquela senhora de vestido comprido? Que nada! Seria aquele sujeito abusado que recusara-se a dar-lhe dinheiro, há uma semana.

— Depressa, depressa... — repetia para si.

Não dava mais tempo. O sujeito já ia longe. Teria de ser outro. Daí, o

nervosismo voltava ainda mais forte e ele perdia outra vez o discernimento. Via uns vultos girando em sua volta, verdadeiros demônios que gritavam e pareciam querer atacá-lo. Viu-se desesperado, numa perturbação incompreensível, com medo, e certo de que nada podia fazer para se salvar.

Foi aí que disparou.

A vítima, um velho com mais de sessenta anos, aposentado, que vivia sozinho com a sua flor, uma que desabrochou certa noite, sugou-lhe todos os recursos e agora ficava com toda a sua herança para gastar com outro amante, um que era sustentado por ela, uma maravilha de amante.

O assassino, este fora preso. Com o juízo já comprometido, ria sem parar, toda vez que ouvia seu nome ser repetido no noticiário. Sentia um prazer indizível, um contentamento que nunca sentira antes, completamente satisfeito do que resultara sua engenhosidade. De fato, seu nome foi repetido e pronunciado em toda a cidade. Ele saíra do esquecimento. Mas pouco tempo depois, a herdeira de nosso recente finado flagrara seu maravilhoso amante com outra. Matara os dois, e quase morreu também de tanto chorar.

— Eu o amava tanto! — dizia ao delegado, entre lágrimas e soluços.

Outras mortes se sucederam e já ninguém sabia o nome daquele que assassinou o tal do velho. Quando, de repente, alguém lembrava a cena, simplesmente, diziam:

— Foi um homem tão direito! Foi morto por um bandido desconhecido que não batia bem da cabeça.

Era outra vez um anônimo. Ninguém nem sequer sabia se ainda era vivo, muito menos lembrava o seu nome; de maneira que nem eu mesmo o sei.

Quando ela o trouxe para sua casa, causou um grande alvoroço por toda a vizinhança. Ninguém o conhecia. Quem poderia ser? Parentes, ao que se sabia, não tinha nenhum vivo; amigos, todos os conheciam, então não podia ser. Quem era ele, afinal? Todos se perguntavam, mas ninguém sabia explicar o verdadeiro motivo que levou dona Marques a trazer aquele rapazote de dezoito anos para o seio de sua casa.

Corroídas pela dúvida, línguas puseram-se a trabalhar. Apareceram as mais variadas hipóteses, que todos sabiam serem mentiras. Disseram que o rapaz era um dependente químico e que tinha sido confiado aos seus cuidados, a fim de se conquistar a reabilitação do mesmo. Outros acreditavam que o jovem fosse um perigoso fugitivo da polícia e que se aproveitara da boa vontade da dona Marques para escapar de seu castigo. Houve mesmo quem assegurou que o tal moço era seu filho legítimo, fruto de um caso extraconjugal que tivera durante o casamento. Mas de todas as histórias que supunham, a mais recorrente e na qual os maiores gritos apostavam era a de que dona Marques estava tendo um caso com um novinho.

Todos ali bem a conheciam. Dona Marques era viúva já fazia alguns anos. Com seus mais de quarenta anos, tinha uma vida solitária e dedicava-se a cuidar de animais domésticos, muitas vezes recolhidos das ruas. Vivia de uma pensão a que tivera direito desde que falecera o esposo. De modos muito simples, era reservada ao extremo e não era de falar muito. Muito cordial, nunca discutia ou queixava-se de problemas; ao contrário, sempre que podia, prestava favores a conhecidos e desconhecidos. Quando alguém puxava-lhe assunto, ela não fornecia mais do que informações curtas, diretas e óbvias. Com isso, nada nela soaria misterioso. Nada poderia esconder a boa e velha viúva da casa 41, a boa protetora dos animais.

Um dia, porém, o mundo veio abaixo quando viram-na de braço dado com um belo moço, loiro e alvo, belas formas, boa aparência, dezoito anos no máximo. Quando os dois entraram em casa, então, houve mesmo a quem faltou o ar. Aparentemente, estavam diante de um escândalo de proporções indizíveis.

— Você viu a Marques? Quem era o tal do moço?

— Quem saberá? Passaram tão depressa que ninguém pôde perguntar.

— Era gringo, tenho certeza. Daqui não é.  
— Tinha o cabelo mais loiro que o da menina da farmácia.  
— Era a cara de um homem que conheci.  
— Conheço ele não sei de onde.  
— Que horas entraram? Eu nem o vi.  
— Também não vi. Se tivesse chegado um tiquinho mais cedo...  
— Mas quem será mesmo?  
— Quem será não importa. Deus sabe e isto basta. Tomara que isto termine bem.

— Que queres dizer?

— Deus queira que não, mas ali tem coisa.

O caso é que o belo rapaz entrara com ela e não o viram sair. Muitos ficaram à espreita dos dois, em busca de descobrir algo que pudesse pôr termo a tão implicante dúvida. Os gatos e cachorros da rua andavam mais tristes desde então, enfraquecidos e inconformados com os cuidados indecorosos dos outros moradores dali.

— Ela agora tem outro bichinho.

Quando abriu a porta pela primeira vez, fingiu não perceber o peso de ser a mira de tantos olhares curiosos e indagadores. Estava normalíssima, tranquila e confiante em não se sabe o quê. Andava em passo rápido e decidido, protegida por um delicado guarda-sol. Sua expressão não ajudava em nada a quem ainda se dispunha a esclarecer tudo aquilo. Coragem, porém, não tinham de perguntar-lhe na cara sobre o moço desconhecido. Alguém arriscava, contudo, perguntas indiretas:

— Alguma novidade?

— Nada não — respondia indiferente e mostrando-se alheia a qualquer provável intenção da pergunta.

Que teria ela feito do rapaz? Estaria preso? Talvez precisasse de ajuda e ninguém tomava uma atitude sensata, diante de circunstâncias tão medonhas. Muitos, porém, o viram entrar ali de muita boa vontade, estampando um sorriso que oscilava entre a felicidade e a ânsia.

— Ela bem o engoliu.

O indiscutível era que dona Marques aparentava mais feliz; parecia até mais magra, menos fria, e soltara o cabelo que tanto tempo conservara preso. Alguém lhe notou as feições mais jovens, como se sua pele tivesse recebido um banho de mocidade. Não podia ser só impressão o que mais de uma pessoa notara. Alguma coisa acontecia com aquela mulher: algo, porém,

que permanecia escondido em íntimo segredo.

Só mesmo quem pudesse entrar pela porta da casa 41 poderia descobrir o que acontecia sob aquele teto, que suscitava tantas inquietações no ânimo das pessoas. Precisaria, contudo, ser bom observador. Não bastava olhar para compreender. Apontaria como loucura quem assim o fizesse. Era preciso ser cuidadoso também. Qualquer detalhe que deixasse escapar poderia levar tudo a perder.

Quem saberia dizer o significado ou o que levaria uma senhora como dona Marques a treinar a caligrafia de Mateus? Por que se dedicava ela a ensiná-lo tocar piano? E todos aqueles cálculos de aritmética rabiscados em papel, que queriam dizer? Por que ensinava ela arte culinária, música, história, trabalhos manuais, literatura e até ciência para o jovem rapaz? Ensinava isto e muito mais. Ninguém o sabia, por certo, e isto era bom. Que diriam as pessoas diante de cenas como estas? Não se conformariam com o inconcebível presenciado. Exigiriam a explicação já pronta daquela tão assídua e dedicada professora que gastava seu tempo a ensinar um ponto de costura qualquer a um menino tão novo que, provavelmente, nem percebia o que lhe ocorria.

Mateus tinha dezesseis anos. Possuía alguns traços em sua fisionomia que acrescentavam-lhe a idade, sem contudo roubar todo o frescor que exalava sua juventude tão vigorosa. Tinha uma pele clara como a de uma menina branca e lábios rosados como cerejas maduras, além do que, possuía uma cabeleira de um loiro incandescente. Tinha porte robusto e atraente, além de formas que pareciam ter sido esculpidas. Não era do belo com que já estamos acostumados a ver; era de uma beleza sutil que, à princípio, não chama tanta atenção, mas ante um segundo olhar, percebe-se uma delicada formosura, capaz até mesmo de inspirar espíritos sensíveis.

Dona de um desses espíritos, dona Marques deixou-se inspirar quando o viu pela primeira vez. Quando isto se passou, Mateus figurava detestável aparência, como a de qualquer pessoa que não possui meios em que possa recorrer e escapar de uma má sorte. Desamparado, sozinho, vagando de lugar em lugar, sobreviveu até ali, até encontrar aquela senhora que, inesperadamente, prontificou-se a ajudá-lo como ninguém o havia feito antes. Ele não pensou nem hesitou, apenas fez cumprir aquilo que julgava justo, à luz de sua sabedoria ainda tão ingênuo. Recebeu o dinheiro oferecido pela coroa, tomou banho, comprou roupas, calçou os pés, tornou-se outro. Quando dona Marques o viu pela segunda vez, viu exatamente o resultado que imaginara. Mateus era exatamente o que ela havia calculado, mesmo diante de sua imagem habitual. Não tinha mais dúvidas: precisava levá-lo para casa, antes que o perdesse para sempre.

Mateus aceitou ir ou, antes, deixou-se levar pelo caminho. Ele já não

andava pelo mundo nem rastejava pelo chão; apenas deixava-se ser conduzido para qualquer lugar. Qualquer destino, destino qualquer era o que lhe apetecia. Ele tinha sede por realizar um intento que não dependia de sua decisão para se cumprir. Seu sonho era o inesperado. Queria ser surpreendido dia e noite. Queria ter uma vida tão sutil quanto sua beleza. Assim, encontrou em dona Marques a oportunidade que esperou por toda sua vida. Um mundo novo lhe esperava.

Ela, cheia de zelos e cuidados, queria fazer dele um herói, um tipo mais que romântico, uma criatura sedutora e atraente diante de qualquer vista. Dedicara-se a ensiná-lo tudo quanto sabia: desde o ofício doméstico às artes mais requintadas; desde o bolo de fubá ao verso alexandrino; desde as coisas mais simplórias até as mais complexas; e queria ainda que ele soubesse de muito mais daquilo que estava além do seu conhecimento; faria dele mais do que um homem perfeito: a sua obra.

E tudo aprendeu Mateus, exceto amá-la.

# UM DIA APENAS

A tarde caía quente. O vento corria ligeiro, balançando as árvores e espalhando folhas pela rua. Poucas pessoas circulavam pela cidade. O tempo estava calmo. Tudo estava calmo. Já chegavam as cinco horas quando dona Helena pediu ao seu esposo para buscar Alice na escola. A garotinha já ia pela quinta série e era a filha única do casal.

— Não é você quem diz que precisa se aproximar da sua filha, Heitor? Todas as vezes, sou eu quem a leva e quem a traz. Hoje eu a levei porque, enfim, você estava trabalhando, mas está aberta a oportunidade para ir buscá-la.

— Você tem razão. Eu sei que não tenho sido o melhor pai. Tenho eu viajado muito de lugar para lugar. Eu sempre trago algo para alegrar ela, mas isso não contribui para a nossa aproximação.

— Querido, ela é só uma garotinha que precisa estar um pouco mais com o pai. Sim, ela precisa de você. Por que, hoje, você não tenta fazer diferente?

— E o que eu posso fazer?

— Acho que cabe a você decidir. Olha! — exclamou dona Helena, apontando o relógio da sala onde estavam.

— Acho que já está na hora de fazer diferente.

Dona Helena aproximou-se do marido e abraçou-o.

— Eu sei que você consegue.

Heitor foi tirar o carro da garagem para ir até a escola de Alice. As ruas permaneciam calmas, mas o sol já declinava, levando consigo aquela tarde. Heitor conduziu seu carro até o estacionamento, onde encontrou um colega do trabalho.

— Grande Heitor! Precisava mesmo falar com você. O que aconteceu com sua esposa? Eu a vejo todos os dias por aqui.

— Pois é. Decidi, hoje, vir eu mesmo buscar Alice.

— Oh! A sua filha é um doce. Nem ela nem o meu Artur devem demorar-se. Estamos com uns problemas seriíssimos no sistema de vendas. O chefe não ligou pra você?

— Estou com o celular descarregado, mas o que houve?

— São uns problemas que ele não pôde falar por telefone. Em meia-hora, estarei na empresa para dar uma verificada. Você não vem?

Heitor pensou um pouco. A presença dele na empresa seria deveras importante, mas ele já estava fazendo planos de passar o resto do dia com a filha. Estava nessa tremenda indecisão quando começou a ouvir o rumor das crianças que saíam apressadas da escola. Muitos pais esperavam pelos filhos e os recebiam com abraços e carícias. Heitor, extasiado, viu quando Alice cruzou o portão e correu na sua direção.

— Papai! — gritou, indo de encontro ao pai, às pressas e abraçando-o com entusiasmo.

Ainda absorto, fixou seu olhar em Alice, sem saber o que dizer.

— Onde está a mamãe? Por que ela não veio?

— Eu decidi vir buscar você, filha.

— Por quê?

— É tão estranho assim que um pai venha buscar sua filha na escola?

— É porque você nunca veio antes.

Aquelas palavras imobilizaram Heitor e ele sentiu como que um aperto no coração. Uma suave brisa refrescou-lhe os ânimos e ele pôde voltar a si.

— Você gostaria que eu viesse lhe buscar aqui mais vezes?

— Claro que sim, mas o senhor está sempre tão ocupado na empresa.

— Pois, a partir de hoje, eu vou me esforçar para buscá-la todos os dias aqui. Agora, entre no carro, que eu vou deixá-la em casa para, em seguida, ir resolver uns problemas.

— Você não vai dormir em casa hoje?

— Claro que eu vou. Então, vamos?

Alice entrou no carro e, após ela, Heitor, que conduziu o veículo para fora do estacionamento. Pelo caminho, conversavam bastante.

— Quer dizer então que você teve hoje uma professora substituta?

— Sim. O nome dela é Jane. Ela nos pediu para escrever uma mensagem para o dia dos pais, que será domingo.

— Ah... Então, eu vou ganhar mensagem?

— Vai sim, mas apenas no domingo.

— E a mensagem não vem com nenhum presentinho?

— Eu não posso dizer.

- E por que não?
- Porque a tia Jane disse que era para ser surpresa e que a gente não devia contar nada para os nossos pais.
- E por que, então, você me contou?
- Porque queria que soubesse, para não arranjar outros compromissos no domingo. Afinal, nunca se sabe quando você pode estar com a gente.
- Eu sou um pai muito mau, não sou?
- Não, mas só um pouquinho chato, às vezes.

Heitor riu do comentário da filha.

- Um pouquinho chato, não é? Pois, hoje, eu vou ser diferente.
- Diferente? Diferente, como?
- Você gostaria de ir ao cinema?
- Cinema? Você não tinha um compromisso?
- Que se danem os compromissos! Vamos ou não vamos?
- Vamos! Mas eu escolho o filme!
- Ah, não, eu escolho o filme. Vai ser um filme de muita ação e fantasmas... — disse, mudando o tom de voz, fazendo-a parecer assustadora.
- Nada disso. Tem que ser um filme onde tenha uma mocinha muito bonita que se apaixona pelo príncipe encantado e se casa com ele.

Terminaram por assistir uma comédia em animação, muito divertida. Alice e Heitor riram bastante e devoraram um saco enorme de pipocas. Vez por outra, algum “psiu!” era dirigido aos dois.

- Papai, você fala muito alto — cochichou Alice no ouvido de Heitor.
- Eu sei. É que faz tempo que eu não venho no cinema — disse ele, também em cochichos, em cumplicidade com a filha.

Após o filme, os dois abandonaram o camarote e voltaram para o carro. Já era noite e o férvido calor da tarde transformara-se numa friagem arrepiante. Muitas luzes iluminavam a cidade e o movimento de pessoas e veículos aumentara, consideravelmente. Eram sete e meia da noite. Heitor e Alice, dentro do carro, conversavam ainda.

- Papai...
- O que é?
- Promete me levar ao cinema de novo?
- Eu prometo. Agora, como ainda é muito cedo, que tal irmos ao

parque?

— Ao parque? Pra gente andar de carrossel e tudo o mais?

— Sim, e pra gente fazer tiro ao alvo, brincar nos carrinhos de bate-bate e rodar no espalha-brasas até vomitar. O que você acha?

— Vamos à diversão! — exclamou num êxtase de felicidade, entre risos.

No parque, foi diversão que não acaba mais. Alice apaixonou-se pelos cisnes automáticos e Heitor ganhou um lindo coelhinho de pelúcia para ela, num jogo de apostas. Aquele lugar era um paraíso para a menina; um castelo para viver todas as suas reinações; um mundo ao qual ela queria pertencer para sempre.

Demoraram-se muito no parque e estiveram por todos ou quase todos os brinquedos.

— Já está ficando tarde, mas eu deixo você ir ainda em um último brinquedo.

— Eu adoraria ir na roda-gigante, mas eu tenho muito medo.

— Filha, você não precisa ter medo. Filha minha não tem medo de roda-gigante.

— Mas eu tenho medo de cair.

— Não fica com medo, não. Eu vou estar o tempo todo do seu lado.

— Só na roda-gigante?

Heitor fixou os olhos na filha mais uma vez e abraçou-a em seguida, dizendo:

— Claro que não, meu amor. Em todos os dias da sua vida, o papai vai estar sempre com você, tá?

Os dois foram correndo para a fila da roda-gigante. Quando puderam entrar, o coração de Alice começou a pulsar mais rápido. Quando a roda-gigante os elevou, ela olhou para o pai e apertou sua mão. Não foi tão assustador como pensara. Era divertido aquele friozinho na barriga. Sim. Aquela experiência era mágica, mas não seria tão especial se seu pai não estivesse ali para confortá-la. Aquele era o dia mais feliz da sua vida e, muitas vezes, pensava estar sonhando. De repente, tamanha era a emoção que estava sentindo no embalo daquele brinquedo, que começou a chorar, silenciosamente. Heitor, vendo as lágrimas da filha, preocupou-se logo e perguntou-lhe:

— O que foi, filha? Ainda está com medo?

— Não, papai. Eu estou feliz. Eu estou tão feliz, que eu queria morrer

agora.

— Não diga isso, minha filha! — exclamou Heitor, abraçando Alice.

— Papai, o senhor sabe que eu vou morrer logo, não sabe?

— Meu bem, o que você está dizendo?

— Vocês pensam que eu não sei, mas eu ouvi a conversa da mãe com aquele doutor. Eu sei que eu tenho uma doença no meu sangue, que pode me levar para sempre de você e da mãe.

— Meu bem, quem disse isso pra você?

— Eu ouvi, papai. Eu só ouvi. Se logo eu vou morrer, por que não hoje, quando estou tão feliz?

Naquele momento, a roda-gigante parou para que pudessem descer Heitor e Alice.

— Você não vai morrer, minha filha! — disse Heitor, entre lágrimas, abraçando com força a pequena Alice.

Heitor e Alice voltaram para o carro. Heitor estava muito sério. Alice temeu falar qualquer coisa. Simplesmente olhava para o pai, que dirigia atônito. Não parecia o mesmo homem alegre de há pouco.

Serenava. O sereno trouxe um repentino silêncio para aquela noite e terminou por desertar aquelas movimentadas ruas mais uma vez. Alguns cachorros refugiavam-se pelas calçadas dos estabelecimentos que, àquela hora, encontravam-se solitários na escuridão da noite. Observando os limpadores do para-brisas, Alice adormeceu.

Ao chegar em casa, Heitor percebeu que Alice já dormia. Fixou os olhos novamente na pequena, que parecia respirar com dificuldade. Pegou-a nos braços e adentrou sua casa. Dona Helena assistia à televisão quando o marido chegou com a filha nos braços.

— Onde vocês estavam?

— Shhhh! Ela pode acordar — sussurrou Heitor para a esposa. — Vou levá-la para o quarto.

Heitor pôs a filha na cama e a cobriu com o lençol cor-de-rosa. Beijou-lhe a testa e a deixou sozinha, dormindo tranquila, aquele sono gostoso do qual ela nunca mais acordaria, e ninguém sabia.

\*\*\*

— Heitor! Heitor! Acorda! — chamou dona Helena.

— O quê? Onde estou?

— Você dormiu no cemitério.

Heitor percebeu o que acontecera. Refletindo no cemitério, acabou cochilando. Lá estavam as flores que trouxera. Era a hora dele voltar para casa com a esposa. As flores repousavam sobre o túmulo de Alice, onde foi gravada a mensagem que ela escrevera para seu pai e que ela nunca pôde ler para ele.

*“Querido papai, gostaria de desejar um dia maravilhoso para você. Eu sei que, mesmo tendo tantas ocupações, o senhor me ama e se preocupa comigo. Mesmo assim, fica um pouquinho mais comigo, sim? Eu preciso tanto de você. Talvez o senhor não precise tanto assim de mim, mas mesmo assim, eu te amo muito. Feliz dia dos pais!”*

# ÓDIO SOBRE SANGUE

Sua inconstância, herdou do pai. Seu egocentrismo, herdou da mãe. Tinha a mesma soberbia do avô paterno, tal como o egoísmo da avó materna. Era ambicioso como a avó paterna, inescrupuloso como seu avô por parte de mãe. Herdara a ganância da família de seu pai e uma série de moléstias que sofriam os de sua mãe.

Herança maldita. Herança injusta. Perguntava-se por quê. Certamente, não fora culpa sua. No ato de sua concepção, foram-se juntando, faísca por faísca, maldade por maldade. Assim fora concebido: figura detestável, medíocre, insuportável, tudo isso até não poder mais. Terrível composição esta do seu sangue, o sangue que desprezava, que repudiava, que odiava. Seu próprio sangue!...

Quisera ser diferente. Desejava uma personalidade mais convidativa. De que lhe servia ter um nome? Esse nome que sempre fora tão respeitado por tantas gerações, agora, de nada servia para livrá-lo da fatalidade. As pessoas o apontavam, falavam horrores dele, julgavam-no como ele nem podia crer. Muitas vezes, fingiam não tê-lo visto passar; outros faziam que não o conheciam. Sentia a indiferença alheia, a perturbação que causava nas pessoas, e até mesmo o ódio delas.

Todos conheciam a sua história ou, pelo menos, a história que o precedeu, os casos que não puderam ficar encobertos, os fatos que decorreram antes mesmo do seu nascimento, mas que nem por isso deixaram de estigmatizá-lo, tal como se fosse culpado pelo pecado que o outro cometeu, só porque o outro lhe gerou, e com a luz, entregou-lhe a carga que rebentava-lhe os lombos, que não podia mais suportar, legado maldito, e seu pesar não era outro que não este legado, e sua luta era inútil contra aquilo que era a sua própria existência.

Era, pois, assim a sua vida, se é que a podia chamar assim.

Era já prosa velha. Os antigos bem a conheciam. Eis mais ou menos a lenda que, sagrada para os entes, maldita pelas vítimas, atravessou tantas gerações.

Teobaldo da Mota aprendera a roubar com o pai. Não era o tipo de ladrão que surpreendia a vítima com uma pistola e exigia objetos de valor em troca de sua liberdade. Aprendera muito cedo que existiam muitos meios de se roubar, e que não era necessário peregrinar pelo mundo, armado e

encapuzado, assustando senhoras e crianças. Só os idiotas roubam assim, além desses ignorantes que não têm um micróbio de astúcia. Ele, melhor do que seu próprio pai, aprendera a elaborar os estratagemas cabíveis para cada ocasião. Sua habilidade era de mestre. Roubava sem que pudessem impedi-lo do crime e, muitas vezes, nem sequer percebiam que estavam sendo roubados. Com o passar do tempo, fora se tornando menos preocupado em omitir seus delitos. O diabo da viúva que arranjava por mulher era quem estava mastigando seu juízo. A peste usava uma filha que tinham, como desculpa para sugar-lhe todo o dinheiro. Dizia que a menina estava em tempo de se casar e que, portanto, era necessário juntar recursos para fazer uma cerimônia que estivesse à altura dela, que era, em suas palavras, a flor daquela cidade.

— Melhor casá-la logo, antes que se perca com algum canalha.

— E quem lhe dará por esposo?

— O filho de Miguel Antunes. Este homem possui uma fortuna que chega a valores incalculáveis.

— É um velho pilantra que pensa que pode mandar em tudo quanto é gente. Não hei de casar uma filha que tenho com o babaca do filho dele.

— Se já está tudo pronto! Eu, que tive todo o trabalho de arranjar tudo, é que sei o que faço. Convenci até a megera, mulher do caboclo, e já combinamos tudo. Até o fim do ano, temos casório arranjado. De início, vieram com umas histórias que você bem conhece, mas eu consegui desmanchar os falatórios que rondam a nossa casa. Quando duas fortunas andam lado a lado, não há má sorte que chegue perto.

— Se aquele velhote tem alguma coisa é porque passou fome mais a família e catou moeda até não poder mais, o miserável. Não acredito que tenha fortuna que valha a pena.

Entre indecisões, cálculos e uns nomes feios, saiu o casamento mais comentado do ano. Não havia uma casa em que não opinassem sobre o destino do recente casal. Davam palpites e prediziam sortes e azares para os noivos que não estavam nem aí, e só queriam aproveitar as núpcias milionárias que estavam vivenciando.

Fora uma intensa felicidade que durou pouco mais de dois meses. Quando a recente esposa foi verificar como andavam os negócios do marido em sua nova empresa, foi apresentada à Aninha, um amor de secretária que

— cá para nós — tinha um corpaço e umas pernas que prefiro nem comentar... Era toda sorrinhos com o patrão. Andava daqui, andava de lá, sentava-se, cruzava as pernas e parecia murmurar alguma queixa.

— Lulu... — chamava-lhe o patrão.

Ele percebera certo desconforto na expressão da Lulu. Não compreendera de imediato, mas a um sinal da moça, entendeu a situação.

— Querida, não imaginei que viria aqui.

— Entendo.

— Você queria dizer alguma coisa?

— Só que estou grávida.

Com a notícia, o futuro papai quase caiu para trás. E a Lulu... Bom... Tivera uma crise de tosse. Pediu licença para retirar-se por uns minutos.

A felizarda criança nascera num berço de ouro, tão puro quanto desonesto. Tivera uma infância tão dourada quanto o ouro de seu berço. Sua casa parecia o país das maravilhas, até que um dia vira o pai dar um soco na mãe.

— Isto é para que você aprenda a me respeitar.

Mesmo fazendo o impossível para encobrir as baixarias do marido, desejava vingar-se dele com as mesmas armas. Não fora difícil achar um belo candidato para seu intento. Daí a surgirem os comentários, foi imediato. E seu nome fora dez vezes mais maldito do que o de seu amante.

A cena do bofetão abriu os olhos de uma criança que vivia num mundo cor-de-rosa. Como num baile à fantasia, começou a reconhecer as pessoas que se escondiam por detrás das máscaras. Verificou um por um, e nada lhe animou. Estremeceu ao reconhecer que cada um deles estava contido em seu próprio ser, como uma combinação de venenos em um frasco. Cerrou os olhos e deixou-se invadir pelo ódio, que caía sobre seu próprio sangue, porque tudo que sabia agora era odiar.

E seu ódio foi a herança que deixou à sua posteridade.

# MANUSCRITO DE UMA MENINA

Numa dessas andanças por estas movimentadas ruas da capital, decidi parar num estabelecimento comercial, uma vez que precisava comprar os mantimentos do mês. Misturava-me à massa de pessoas que lotavam o ambiente. Homens e mulheres iam e vinham por todos os lados em movimentos rápidos, como se dali, tivessem de ir correndo para o embarque de um trem. Nem ligava quando esbarravam em mim. Estava já acostumado àquela situação. O mundo tinha pressa. Que podia eu contra todo o mundo?

Aos poucos, ia adicionando uma ou outra coisa para a minha cesta. Perseguia os cartazes de promoção e ia calculando, minuto a minuto, o valor final que me custaria aquela boa lista de compras. Pegava apenas o necessário. Tenho isso de não ser extravagante. Funcionários públicos não podem se dar ao luxo de irem comprando tudo o que veem. Antes controlar o tostão, que ser controlado por ele, já dizia meu saudoso pai.

Desejava agora ir embora, voltar para casa, sair daquela multidão apressada. Que falta sentia da tranquilidade do interior, daquela minha rede de alpendre e do ar puro do campo. Minha terra querida, por que a deixei? Por causa do dever. O trabalho era o veículo que me carregava para onde ele quisesse. Seus braços enormes me prendiam e me apertavam, deixando-me preso àquela chusma insensível. No interior, era outra coisa. Ninguém podia me prender. Contrário disso, eu tinha asas, e voava sobre a terra seca, e sonhava sob a sombra das mangueiras, inebriado por aquele aroma de frutas maduras caídas do pé.

Tão distraído que estava, acabei esbarrando numa senhora alta e de expressão grave. Derrubei-lhe alguns itens de sua farta cesta.

— Perdoe-me. Deixe estar que, num minuto, junto tudo para você.

A grave senhora ficara calada e respondera-me apenas com um sorriso desdenhoso. Entre enlatados de conserva e pacotes de bolacha, jogado no chão, achei um caderninho cor-de-rosa, trazendo na capa um desses personagens animados que saem na televisão. Peguei-o, junto às demais coisas, e entreguei tudo à tal senhora. Ao perceber que lhe entregava o caderno, fez um olhar de desprezo. Finalmente ouvi-a falar.

— Não, senhor. Este caderno não é meu. Alguém deve tê-lo deixado cair.

Sem mais nada dizer, ela saiu e fez como se nunca tivesse ocorrido

um incidente entre nós dois. Pus o caderno debaixo do braço e segui adiante, a fim de pagar por minha boa cesta. Estando tudo quitado, lembrei do caderno e mostrei-o ao dono do estabelecimento. O pobre caderninho recebeu o mesmo desprezo, com tal frieza, que até me incomodou.

— Clientes perdem coisas assim todos os dias por aqui. Ainda quando é alguma coisa de valor, guardamos, caso o dono apareça. Por algo desse tipo, duvido muito que alguém volte aqui. Se o senhor puder jogar no lixo pra mim, terei como um favor.

Olhei o caderninho mais uma vez e saí dali, sem coragem de jogá-lo fora. Não tive ânimo para fazer aquilo. Um caderno tão bonito. De quem seria? Certamente, de alguma dessas meninhas que pulam amarelinha nas calçadas vizinhas, ou que pisam naqueles elásticos enormes. Seria de alguma vizinha minha? Segui para casa, ansioso pelo almoço. Precisava refazer minhas forças para sentir-me um pouco melhor.

Mesmo dentro de casa, não conseguia escapar do calor. O suor descia-me pela testa e pelas costas. Precisava refrescar-me num banho de água fria. Em seguida, meu apetite foi finalmente saciado pela comida da cidade. Não era de todo ruim, mas bem longe de se comparar aos quitutes de minha velha mãe. E os de minha avó, então? Aquilo que era comida de verdade, da qual você se fartava e criava forças nos lombos para trabalhar.

Passando adiante com meu itinerário, fui cochilar uma meia-hora. Muita violência na TV e nos periódicos. Era melhor fechar os olhos para aquela realidade tão cruel, e para tentar dormir um bocado também. Após esse momento de descanso, lembrei-me do tal caderninho. Pusera-o numa estante, para depois dar-lhe uma examinada. Lembrando, pois, disso, tomei-o outra vez em minhas mãos. Sentei-me junto a uma mesinha e comecei a observar aquele achado.

Que bela estampa essa da capa!, pensei. Ali, porém, não havia nenhuma pista que revelasse a dona do caderno. Abri-o, afinal.

Fiquei um tanto surpreso com aquela caligrafia tão regular e de curso tão apreciável. Esta escrita tão cuidadosa só poderia mesmo ser de uma delicada menina. Esta menina deixara registrado, ali, naquela primeira página, um verdadeiro primor: um coração gravado pela cor de um batom vermelho. No centro do coração, uma frase: “Amar é bem mais do que tudo que se pode dizer sobre o Amor”. Que engenhoso! Ainda mais, escrito por uma menina! Pensei bem e concluí que esta minha menina já não podia ser tão menininha assim. Fiquei curioso por saber o que haveria nas demais páginas.

Tive grande surpresa ao deparar-me com tantos pensamentos que ficaram escritos ali. Eram frases dela, e outras de pensadores famosos

mundialmente. Havia uma letra que não era a sua: “Sua amizade é um verdadeiro tesouro que encontrei, e que jamais vou perder.” Abaixo, a assinatura de quem escreveu. Em seguida, muitas outras mensagens de amigos e amigas dessa menina que, àquela altura, já sabia que se chamava Bianca.

Bianca, ao que parecia, era uma garota muito organizada. Teria uns quatorze anos talvez. Sabia que seu cabelo era loiro. Tinha uma pequena mecha, presa por uma fita adesiva, em outra página do caderno. Em cada página que lia, percebia o quão romântica ela era. Não tinha dúvidas de que ela estava apaixonada. Num outro coração, este desenhado por aquelas canetinhas hidrográficas, ela escreveu: “Bianca X Alguém”. Estava certo, pois, sobre os sentimentos dela.

Perguntava-me como uma garotinha de quatorze anos pode se apaixonar. Saberá ela, ao menos, o que é o amor? Certamente, ela não deve saber que o amor é aquele bacana que nos faz sofrer, derramar lágrimas de desgosto, e até suspirar de emoção. Por que teria ela colocado “alguém”? Devia ser tímida. Talvez tivesse medo que alguém o lesse. Num momento de descuido, sua mãe poderia encontrar o caderno e descobrir uma porção de coisas inesperadas. Bianca, então, amava em segredo.

Noutra página, um recorte com a foto de um desses galãs que sorriem amiudadamente nas telenovelas, fotografado numa posição a valorizar um par de braços musculosos. Deparei-me com fotos de outros artistas, entre atores, cantores e apresentadores. Ao lado da foto de uma banda de rock, a letra completa de um de seus grandes sucessos. Muitos adesivos e figurinhas colecionáveis estavam distribuídos ao longo do volume.

Pude distinguir um poema. Devia ser de sua autoria. Não estava concluído. Imagino que Bianca teve sua inspiração interrompida pela chegada de alguém. Logo abaixo, alguns números de telefone, escritos desordenadamente. Quando já estava chegando ao fim, fiquei extasiado ao ver uma fotografia sua. “Essa sou eu. Uma menina muito sonhadora.”, estava escrito na legenda. A imagem de Bianca, nem sabia bem por que, me era familiar. Lembro-me de tê-la visto em algum lugar. Como não? Claro! Fora no mercado. Num desses dias de feira, nós nos esbarramos, em meio à multidão a que já estava habituado. Ela me olhou, riu-se, e seguiu. Agora, estava totalmente seguro de quem era a dona daquele lindo caderninho cor-de-rosa.

Numa página à parte, uns riscos desconexos. Ela deveria estar tendo trabalho com alguma dessas canetas que falham quando mais precisamos escrever. Logo em seguida, para compensar, um parágrafo, escrito na mais fina caligrafia:

“Por que o amo? Nem eu sei. Deve ser aquele jeito desajeitado dele ou a maneira como sorri. Ele me parece bem até quando está sério, zangado

com alguma coisa. Nem sei bem onde mora. Acho que nem daqui ele é. Ele traz uma tristeza no olhar, como se sofresse por alguma coisa. Eu sei que ele é bem mais velho do que eu. Talvez seja por isso que tenho tanto medo que descubram, e sinto até vergonha de falar nisso. Outro dia, no mercado, nos esbarramos, e eu sorri para ele. Acho que ele nem percebeu. Também, o que ele poderia ver de interessante em mim? Sou ainda tão nova. Me olhou como se fosse uma criança. Nem sei bem o que eu sou. Contudo, menina ou mulher, eu o amo, e jamais o esquecerei.”

Então, será verdade ou apenas uma grande coincidência?

# OS PONTEIROS

Falta meia-hora para a meia-noite.

Tudo é silêncio na mansão de um velho escritor da corte.

Vê-se, à penumbra de uma vela acesa, sua horrenda figura repousando de boca aberta, sobre uma cama, verdadeira obra de arte da marcenaria. Tem uma expressão de cansaço e exaustão, principalmente na cadência de sua dificultosa respiração, por aquele enorme nariz. Cabelos e barbas desalinhados, unhas crescidas, porte esquelético. Vez por outra, um ronco. É mais provável que tenha sido um gemido. Não parece ter um sono tranquilo. Alguma coisa o perturba. Mexe-se, paulatinamente, para em seguida, finalmente, aquietar-se.

Meia-noite. Repousam também os livros, imóveis, numa velha estante. Os bichinhos passeiam à vontade entre eles, deixando suas marcas aqui e ali. O vento, que penetra pelas fendas da janela, balança uns poucos quadros, fazendo-lhes uma cobertura de pó.

Ali, sobre a cabeça do ancião, velando seu sono, vemos um relógio, embalando seu senhor com um sonoro tic-tac. Inopinadamente, o ruído parece aumentar. Uns cochichos são ouvidos. Sim, eles vêm do relógio. Cheguemos mais perto para ouvir melhor.

— Acordai, senhores companheiros, que não há tempo a perder. Estão atrasados de novo para nosso encontro — dizia o Ponteiro Segundo.

— É que ninguém está vendo, camarada. Eu, de minha parte, não saio daqui. A hora sexta é a mais confortável para mim. Não fico pendendo, gastando minhas energias, tentando me segurar. Aqui, caído, poderia ficar o resto de minha vida — explicou o Ponteiro Minuto.

— Que preguiçosos sois vós! Não veem o meu exemplo? Para cada passo seu, ando eu sessenta. Por acaso, ando reclamando? Antes aceito o meu destino e vou assim cumprindo com o meu dever.

— E o Ponteiro Hora? Por que você não reclama com ele também? O passo dele é tão vagaroso que ninguém nem percebe.

— Não vê que ele é bem menor do que nós? Cada um tem suas limitações. Vagaroso que seja, ele está aqui comigo.

— Dormindo, não é?

— Ora! — resmungou o Ponteiro Segundo.

Neste exato momento, o Ponteiro Hora, que até ali nada dissera, murmurou uma palavra aos seus companheiros.

— Alguém me chamou? Ouvi quando disseram “Hora!”. Tenho que ir para a hora primeira, agora? Por que o Segundo está parado? E você, Minuto, que faz aí na hora sexta?

— Finalmente você deu sinal de vida. Achávamos que você tinha morrido — advertiu o Ponteiro Minuto.

— Mas, afinal, o que está acontecendo? A Pilha 35ª terá falecido? Expliquem-me! — suplicou o Ponteiro Hora, sem entender o que se passava.

— Acalme-se, Hora! A Pilha 35ª está bem. Quem parece estar morrendo é o Minuto. Insiste em ficar na hora sexta, repousando. Parece ter esquecido que à meia-noite temos um encontro marcado, bem aqui, na hora décima segunda. Se o senhor acorda...

— Ele não está com cara de quem vai acordar — retrucou Minuto.

— Sim, mas, vez por outra, ele vira de um lado para o outro. Além do mais, se alguém merece descansar, sou eu. Suponhamos que o senhor acorde, quem vocês acham que ele vai olhar? Primeiro para Hora; depois para você, Minuto. E o Segundo? Quem se lembra do Segundo? Quando perguntam a hora, por exemplo, o que respondem? Dez e vinte; Quinze para as quatro; Três e Quarenta. De que diabos sirvo eu, se ninguém olha pra mim? Reclamam até do meu lindo tic-tac. Por acaso, as pessoas não assobiam uma música quando estão trabalhando? Depois de ficar o dia inteiro arrastando vocês todo o tempo, é isso o que ganho: a indiferença. Ninguém se importa comigo.

— Também eu não tenho lá tanto valor — desabafou, por sua vez, o Ponteiro Minuto. — Muitas vezes, também me olham com indiferença. Sou vítima do desprezo. Por acaso, nunca ouviram dizer: “São nove e alguma coisa”? Como isso me dá raiva! Fico me consumindo de ódio. E quando dizem: “São quatro e tanto”, como acham que me sinto? E se são três horas e um minuto, que horas são? Só são três horas e nada mais. Isso que é injusto: Hora é o que menos trabalha; contudo, é o que é sempre lembrado. É o grande sultão do relógio, o terrível deus do tempo...

— Que injustos são vocês! Tão injustos quanto os homens! Acham que eu sou um rei e que minha vida é uma eterna regalia. Mas deixem estar, que agora eu vou dizer as minhas. Se vocês são vítimas da indiferença e do desprezo, eu sou vítima da injustiça. Quem se lembra de reclamar de vocês? No entanto, de mim reclamam todo o dia. Se marco “uma hora”, resmungam: “Já é ‘uma hora’? Que droga!” Se vou para a hora quarta, dizem: “Que troço lento! Agora que são ‘quatro horas’.” Mas o que mais me aborrece é quando

usam expressões como: “Hora tal” ou “Essa hora não está certa” ou ainda pior “Maldita hora!” Mas quem vê o meu suplício?

— É verdade, companheiros! Todos nós padecemos por causa deles. Queria ver o que fariam sem nós. Se todos os ponteiros do mundo combinassem uma greve e todos os relógios do mundo parassem, aí sim, é que nos dariam valor — concluiu Segundo.

— Mas se pensarmos bem, as coisas não são tão ruins quanto parecem. Como vocês mesmos disseram, sempre perguntam por mim e querem saber em que canto do relógio eu estou.

— Tem razão. Também gosto quando dizem: “Queria fazer deste minuto uma eternidade.” Fico todo cheio de mim.

— Pensando bem, também se lembram de mim, quando dizem em frases de efeito: “Fazer valer a pena cada segundo” ou quando sou mencionado com exatidão, ainda que seja para fazer graça.

— Sim. Todos nós temos um grande valor. Não percamos mais tempo, camaradas! Vamos trabalhar.

Assim, Hora, Minuto e Segundo deixaram o palavreado de lado, abraçaram-se na meia-noite e correram para seus devidos lugares, porque o tempo tinha passado despercebido por eles. Eram exatamente duas horas, quatorze minutos e dezessete segundos, quando o nosso velho escritor expirou.

Um minuto de silêncio, por favor.

# ETERNAS CICATRIZES

Resplandecia o sol naquela segunda-feira, aquecendo a paisagem. A brisa árida dos verões arrastava, continuamente, os resíduos da calçada do Liceu. Uma aglomeração de alunas se aproximava da fachada da renomada escola. Alguns carros parados no estacionamento anunciavam a chegada de professoras e outras funcionárias da instituição. Era mais um dia de trabalho para umas, de aula para outras, e de nada para tantas. As duas estavam paradas à sombra de uma árvore que ficava defronte do largo portão preto do Liceu, Marina e sua mãe.

— Agora você deve ir. Lembre-se que deve parecer o mais normal possível, diante das outras pessoas.

— Eu não quero ir — respondia Marina de cabeça baixa.

— Não é uma questão de querer ou não querer. É o seu dever, Marina. Não há o que temer.

— Tenho medo.

— Mas medo de quê? Aqui você está segura. Ninguém poderá lhe fazer mal. É apenas uma escola, filha. Não lembra de como você gostava quando lhe trazia à escola? Você tinha tantos amigos. Era uma aluna tão exemplar. Todos adoravam você. O que se passou já faz muito tempo. Você não pode viver fugindo para sempre do seu destino, dos seus deveres. Tente ver isso como uma coisa boa que está lhe acontecendo.

Marina, sempre de cabeça baixa, trazendo uma expressão doentia que contrastava com o decoro do seu belo uniforme, parecia não estar ouvindo o que sua mãe lhe dizia.

— Eu não quero ir.

— Marina, você tem quinze anos. Já não é aquela menininha indefesa que brincava com bonecas. O tempo está passando, e você já perdeu bastante tempo. É hora de seguir em frente, erguer a cabeça e encarar o que está por vir. Por favor, não me decepcione. Faça novas amizades. Tente parecer normal. Eu sei que você consegue. Eu acredito em você, filha, minha filha querida — disse, abraçando Marina com afeto e proteção. — Vá! Não me decepcione. Estarei aqui à hora marcada. Eu prometo.

Marina, que até então estivera o tempo todo de cabeça baixa, ergueu a vista e ficou a olhar sua mãe que se ia embora dali, deixando-a sozinha

naquela multidão de desconhecidos, naquele lugar tão estranho, rodeado de pessoas que não lhe inspiravam confiança. Angustiada, acomodou-se no tapete de folhas secas e ali ficou, sentada, à sombra da árvore, de cabeça baixa.

Passados mais alguns minutos, a multidão foi se esvaindo aos poucos, até que finalmente Marina achou-se em completa solidão. De olhos fechados, ela pensava em algo que não lhe era nada agradável. Seus olhos apertados não conseguiam deter algumas lágrimas que lhe escapuliram. Nesta sofrível meditação, sentiu que alguém se aproximava dela, e tremeu, ao tempo que um arrepio de medo subia-lhe pela espinha. Abriu os olhos e viu uma elegante mulher que, pelo uniforme, seria uma das professoras do Liceu.

— Menina, o que você está fazendo aqui fora, hem? Não ouviu o sinal? — perguntou com bastante delicadeza, mas Marina nada lhe respondeu. — Você, por acaso, é uma aluna nova? Como se chama? Não está se sentindo bem? Já vi que não está a fim de conversar comigo, não é? Contudo, não posso deixá-la aqui sozinha. Venha comigo!

Lia, a professora, com certa dificuldade, conseguiu levar Marina até a direção do Liceu. Percebera a expressão de susto da garota que, a cada momento, parecia apresentar um novo sintoma de quem não estava bem. Quando a diretora do Liceu a viu, não teve dúvidas.

— Você deve ser Marina Miranda, estou certa? Você está surda, menina? Quando eu lhe fizer uma pergunta, tem de me responder, entendido?

Marina apenas deixara escapar um suspiro incontido de choro e ficou paralisada, de pé, com as mãos atadas. Lia quis intervir naquela situação, crente de que Marina não estava bem.

— Por favor, senhora diretora, seja mais passiva com ela. Ela não me parece estar bem. Suas mãos estão geladas e ela parece respirar com dificuldade. Não será melhor levá-la para a enfermaria?

— Não se preocupe, professora Lia. Estive conversando com a mãe desta aluna. Ela mesma me alertou de que a filha costuma ter um comportamento esquisito. Isto são mimos, preguiça de estudar. Não é a primeira vez que lidamos com alunas assim. Marina pertence à turma do oitavo ano. Leve-a para lá. A professora Marli já deve ter iniciado sua aula.

— Não acharia melhor...

— Por favor, professora Lia, — interrompeu a diretora. — apenas faça o que lhe pedi. E você, menina, procure não nos dar mais trabalho, entendido? Esta é uma instituição renomada que já formou milhares de mulheres, com êxito. Tente se encaixar por aqui, está bem? Uma vez que isso não aconteça, não poderá voltar. Não desperdice esta oportunidade, Marina.

A pequena foi levada para a turma do oitavo ano, constituída de meninas pouco mais jovens que ela. A professora Marli já havia iniciado sua aula, quando foi surpreendida com a chegada da aluna novata. De fato, uma única cadeira estava vazia naquela sala. Era a de Marina.

— Desculpe-me por estar interrompendo a sua aula, professora Marli. A pedido da senhora diretora, vim apresentar às outras meninas, nossa nova aluna, Marina Miranda.

— Não acha que deveria ter vindo um pouco mais cedo, professora Lia?

— Sim, porém, Marina teve um eventual imprevisto e só pôde chegar agora. Será que ela ainda pode assistir à sua aula?

— Desta vez, vou deixar passar. Mas que fique claro para Marina e para todas vocês aqui presentes que, uma vez iniciada minha aula, as atrasadas não podem entrar. Mais alguma coisa, professora Lia?

— Sim. Queria apenas dizer que espero que as meninas recebam Marina com carinho nesta turma. Tenho certeza que não vão se arrepender. Com licença — terminou, retirando-se da sala, dando uma última olhada em Marina.

Esta, quando Lia saiu, voltou-se para sua direção e viu-a sumir-se, até que Marli cerrou a porta com força.

— Menina, o que está esperando para ir para o seu lugar? Quer dar a lição comigo?

As meninas que integravam a turma do oitavo ano não puderam conter o riso. Marina, sempre assustada, sentou-se e ali ficou quieta como de costume. Podia ouvir alguns cochichos que vinham do fundo da sala. Certamente, as meninas estavam falando dela.

— Psiu! Espero não ser mais interrompida.

A mestra continuou seu discurso ininterruptamente. Palavras não lhe faltavam. Era senhora de um vasto conhecimento, provindo de uma rígida educação que também um dia tivera. Seu olhar era fulminante. Assim era a temida professora Marli.

Por mais que se esforçasse, Marina não conseguia entender o que ela dizia. Seu pensamento estava longe. Aquele silêncio vazio era um grito tenebroso, entrecortado de gemidos e soluços que vinham de sua alma, e que aceleravam seu coração. Suas mãos trêmulas mal conseguiam segurar o lápis direito. Com muito esforço, tentou escrever, mas tudo o que conseguiu fazer foram riscos ilegíveis, escritos com força, e nada mais além disso. No exato momento em que conseguira fazer a primeira letra com sucesso, estremeceu.

— Calada!

Marina soltara outro grito de susto e deixara cair o lápis da mão. Um estalido de grafite, quebrando-se, é ouvido.

— Marina Miranda, não estava falando com você. Não tem motivos para ficar assim com essa cara de espanto. Ajunte seu lápis e volte a fazer a sua lição.

Marina não se moveu. Apenas olhou para o lápis que caíra embaixo da carteira de sua vizinha. Podia ouvir novos cochichos a seu respeito.

— Por que não faz o que eu digo, hem? O que foi? O gato comeu a sua língua? Por que não se levanta?

— Acho que ela tem cãibra, professora — respondeu a mesma aluna a quem a professora Marli pedira que se calasse.

— Mocinha, mais um de seus comentários, e vou ser obrigada a pô-la de castigo.

A vizinha de Marina, gentilmente, ajuntou o lápis do chão.

— Aqui está o seu lápis, Marina. Você precisa fazer a ponta.

Marli, imediatamente, tomara o lápis das mãos da vizinha de Marina, impedindo que sua dona o recebesse. Com toda força, jogara o lápis no chão, fazendo o objeto rolar para longe da carteira de Marina.

— Agora ajunte você mesma o seu lápis e volte a fazer a sua lição.

Marina, com um nó na garganta, nada conseguia expressar. Desta vez, porém, não pôde conter o choro soluçado que há tanto tempo prendia dentro de si. Desesperada, abandonara a sala sem nada dizer, correndo sem rumo pelos corredores do Liceu. Da porta, Marli ainda gritou para ela:

— Volte aqui, menina atrevida. Hei de ensiná-la a como ser uma menina de procedimento.

Marina fugia daqueles gritos, daquelas pessoas de quem tinha tanto medo, de tudo que lhe causava espanto e estremecimento. Queria morrer, deixar de viver aquela existência medíocre e insuportável, ao tempo que queria ser livre de todo aquele pesadelo que já lhe acompanhava há tanto tempo. Quando tudo aquilo teria fim? Correndo sem rumo, conseguiu alcançar o banheiro da escola. Trancou-se em uma das divisórias, agachou-se e continuou a soluçar, sozinha no seu canto, abraçada aos joelhos, com os olhos escondidos nos seus braços frágeis.

— Papai... Eu quero o meu pai! Cadê meu papai? Papai... Não deixa ele me machucar, papai... — murmurava com esforço, entre soluços e gemidos que lhe sufocavam e aumentavam seu sofrimento.

Lia, que vira Marina correr, foi em busca dela para saber o que acontecera. Sentia pena daquela garotinha. Lia, certamente, não sabia o que

se passava com ela, assim como sabia que Marina não tinha por que confiar numa estranha. Sentiu o coração apertar e os olhos marejarem, diante de toda aquela situação. Rapidamente, chegara ao banheiro e escutara o choro de Marina. A porta estava trancada.

— Marina, por favor, abra essa porta. Eu não vou te machucar, Marina. Sou eu, Lia; confie em mim — suplicou, enquanto já chorava também. — Marina, me escuta! Abre pra mim, Marina...

Comovida, Marina abriu a porta e recebeu o abraço de Lia. Choravam como duas crianças, enquanto Lia abraçava Marina com ternura, como uma mãe abraçaria a um filho querido.

— Meu amor, eu estou aqui. Conta pra mim. O que aconteceu com você? Quem foi que te machucou?

— Eu não consigo. Eu não posso te dizer. O que sei é que, se meu pai estivesse comigo, isso não teria acontecido.

— Não chore, meu bem. Seja o que for, já passou. Tudo o que passou já não importa mais. Ninguém vai te fazer mal. Confie em mim. A Marli disse alguma coisa que te magoou?

— Isso não importa agora. Eu só quero ficar só. Eu não quero voltar para lá. Por favor, me deixa ficar aqui.

— Não prefere voltar para sua casa?

Sem consultar ninguém, Lia levou Marina até o portão do Liceu, e pediu que o porteiro o abrisse. Olhou fixamente para Marina, do lado de fora da escola, esperando que ela lhe dissesse alguma coisa.

— Tem certeza que deseja voltar sozinha?

— Sim. Minha casa não fica muito longe daqui. A senhora precisa trabalhar. Não pode se sacrificar tanto por mim.

— Não seria sacrifício nenhum. Além do mais, sinto que não vou permanecer aqui por muito tempo. De qualquer forma, eu não vou lhe contrariar. Vá com Deus e tenha cuidado.

Aquelas palavras finais de Lia fizeram Marina ir de encontro a lembranças passadas, de um tempo em que viver era bem melhor. A situação suscitou um abraço de despedida.

— Espero vê-la melhor amanhã. Eu estarei lhe esperando. Adeus.

Marina seguiu seu caminho, sozinha, de cabeça baixa. As ruas estavam vazias e ela podia seguir tranquilamente, sossegada, com a atenção sempre voltada para aqueles pensamentos que tanto lhe atormentavam. Seus passos, porém, não a levavam para casa. Estava, conscientemente, dirigindo-se a outro lugar, pouco distante dali. Caminhava agora com passos firmes,

convictos e apressados. Finalmente chegara. Já estava bem longe do Liceu. Caminhava por terrenos baldios. Fora ali, naquele triste campo, rodeado de árvores e flores, que tudo acontecera.

Lentamente, descalçando-se, Marina pisou o solo semiárido, protegida pela sombra das árvores. Aquela areia macia lembrava-lhe a praia. Inesquecíveis passeios foram aqueles que fizera com o pai. Aos poucos, ia se libertando de todas as suas roupas, tirando cada peça com imenso zelo e cuidado, até ficar completamente nua naquele campo deserto, onde nada se ouvia além do canto dos pássaros e do vento que acariciava a paisagem com terna doçura. Livre... Ela se sentia livre. Com o mesmo cuidado de sempre, arriscou deitar-se no chão. De braços abertos, fechou os olhos, e o pensamento a levou para o momento mais triste de sua vida.

Fora exatamente ali, entre as cores das flores, entre o verde das árvores, entre as carícias da brisa, que ele apareceu. Marina teve grande susto. Arriscou correr, mas fora inútil. Ele, com seu correr impetuoso, alcançou-a facilmente e prendeu-lhe com suas garras funestas que, para ela, eram como se fossem tenazes. Ela gritou o mais que pôde, mas ninguém podia lhe valer.

— Calada! Calada!

Foram aquelas garras brutais que rasgaram suas vestes, que primeiro tocaram o seu corpo puro e virgem. Fora a dor da morte o que Marina sentira. Fora como se um verme que vivia dentro dela, lentamente, sugasse-lhe a vida, roubasse-lhe as forças, tirasse-lhe a respiração. Marina assistira ao desmoronamento de seus sonhos, à destruição de sua própria vida. Aquele homem abrira nela uma ferida incurável, uma chaga maligna que o tempo transformou em cicatriz. E não era apenas uma, eram várias; eternas cicatrizes que nem mesmo o tempo seria capaz de curar a dor que ainda provocavam. Seu corpo estava marcado para sempre.

— Papai... Não deixa ele me machucar...

Marina só abriu os olhos e despertou de suas trágicas recordações quando sentiu o sangue quente, escorrendo-lhe pelas pernas, lembrando-lhe mais uma vez que ela já era uma mulher.

# DA JANELA DO ÔNIBUS

Há momentos em que a ociosidade é inevitável. Você, de muita boa vontade, procura se libertar, mas logo suspira, certo de que não poderá escapar. Sim, isto é um desabafo mesmo. Portanto, se não quiser ouvir, não há nenhum problema. Deixe, que falo mesmo assim, nem que seja para as paredes.

Ainda não possuo carro próprio. Estou lutando por isso. Todos os dias vou e venho do trabalho de ônibus. Não é um veículo confortável. Tenho a mesma sensação de alguém que é obrigado a dançar. Vou pagar o trocador e caem-me as moedas. Fico furioso quando isso acontece. Se tento juntá-las, uns garotinhos se dispõem a me ajudar, e as moedas, misteriosamente, somem.

— Acho que devem ter voado pela janela — explica-me um deles com a cara mais cínica.

Contrariado, puxo uma nota de cinquenta só para me vingar, se é que vocês me entendem. Passo na catraca, o ônibus dá uma curva, e voou até o motorista. Procuro um lugar vazio, “janela” de preferência; encontrando, sento-me e deixo-me levar. Tenho, aproximadamente, quarenta minutos de espera até chegar em casa. O que fazer? Minha filha diz que, quando pega o ônibus, tenta decifrar as nuvens.

— Quando você as olha fixamente, vê coisas incríveis: dinossauros, elefantes, formigas gigantes, palhaços, duendes, sereias... Teve uma vez que eu vi até o senhor.

Que bobagem! Quando olho para as nuvens, vejo apenas nuvens: uma fumaça branca voando pelo céu.

— Por que você não ouve música? — sugeriu um colega de trabalho.

Sou um amante da boa música; contudo, não suporto esses fones de ouvido; minhas orelhas ficam incomodadas, reclamam daquela zoada tão próxima; além do que, vivem dizendo que prejudica a audição.

— Por que você não lê alguma coisa? — sugeriu minha mulher.

Também sou amante dos bons livros. Estou tentando terminar o Quo Vadis?, um romance polonês que não tem mais fim. O autor? Nem sei pronunciar. Inventei de levar o volume comigo. Princípiei de onde tinha parado, mas era inútil. Tudo tirava minha concentração: as moscas, uma

senhora que discutia com alguém no celular, uma criança que chorava desesperada, uma moçoila que ria abertamente...

— Você sabia que ler dentro do ônibus ocasiona o deslocamento da retina? — indagou o senhor que ia ao meu lado.

— Sério?

— Nem sei, mas já me disseram isso uma vez.

Não fui em busca de descobrir as verdades e as mentiras que o povo conta. Faltou-me ânimo para isso. Era mais fácil fechar o livro.

— Por que você não conversa com alguém? A gente nem sente o tempo passar — aconselhou-me minha mãe.

Na primeira tentativa, falei a uma moça bonita que estava com os braços cruzados.

— Você está indo estudar?

Ela, muda e zangada, ergueu-se de um salto e sentou-se o mais longe que pôde de mim.

Outra vez, tentei puxar conversa com um rapazote magricela que sentara ao meu lado. Este parecia ser simpático; por isso não hesitei em iniciar uma prosa.

— Tempo quente, não acha?

O rapazote não teve reação alguma. Parecia mesmo imóvel e distraído. Tentei outra vez.

— Você usa sempre este ônibus? Nunca o vi por aqui.

Só então ele reparou que eu estava tentando uma conversa. Olhou para mim, mas nada disse. Imaginei que estaria incerto quanto à sua resposta, quando a senhora que estava à nossa frente, voltou-se para mim e disse:

— Senhor, ele é mudo.

Fiquei me sentindo um estúpido todo o resto da semana. Quando, finalmente, recuperei-me de minha estupidez, intentei um último dedo de prosa, dessa vez com uma senhora quarentona que estava muito sorridente.

— Hoje, o dia está maravilhoso, não acha?

— Nem tanto. Amanheci cuns negócio estranho na garganta. O senhor quer dar uma olhada?

Ela nem esperou eu dizer “sim” e foi logo escancarando a boca. Prefiro nem descrever o que vi. Cuspi pela janela e prosseguimos com o nosso diálogo.

— Você está indo ao médico?

— Vô tentar, né? Eu inda num fiz nem o almoço. O home lá de casa já tá c'uma semana que nun dá as cara. Os povo fala que ele anda metido c'uma cunhã que teve lá em casa, dizem ser uma prima minha, seno que eu nem prima tenho mais, porque já morrero tudo. Só tem uma lá da serra, mas nós nem se fala. Uma briga véa besta de famia. Ela pensa que eu ligo. Eu num sei mais nem dela, do que ela faz da vida. Por mim, pode é morrere tudim que eu, ó... lavei as mão c'um aquele povo. Cuma é, meu fio, que umas pessoa que num tem nada, às vez, falta até o de cumê, quere parecer assim que são umas rainha. Ela e as fia dela, cada qual a mais cobra...

A história seguiu pior do que novela das oito. Só terminou quando tive que descer.

— Ô, moço, achei tão bão conversar c'um sinhô, porque assim, tem gente que num quere escutar a gente. O sinhô é casado? — quis saber, toda sorridente.

— Sou — respondi, tentando escapar do ônibus.

— Ai, que pena, seu menino! Pegue meu telefone pra mode nós se falar adepois. É do oreião lá perto de casa, mas é só cê chamar pela dona Zezita, que os vizim tudo chama, viu? — explicou, entregando-me um pedacinho de papel, piscando o olho e fazendo um sorrisinho meio tímido, deixando à mostra uns quatro dentes podres.

Desde esse dia, nunca mais puxei conversa com ninguém. Às vezes, fingia até estar dormindo, além do que, morria de medo de me encontrar com a terrível dona Zezita novamente. Houve uma noite em que sonhei com ela, mas prefiro nem comentar o que se passou no pesadelo.

Foi sozinho que descobri o verdadeiro segredo para vencer a maligna ociosidade do ônibus; e o segredo estava bem do meu lado. Percebi que, enquanto me corroía de impaciência, na janela do ônibus se passavam milhares de cenas.

A janela do ônibus é um quadro mágico, cuja tela tem o poder de estar em constante mudança: as cores se confundem, se entrelaçam, se misturam de tal maneira a criar outras cores: tons que escurecem e clareiam, simultaneamente, uma verdadeira obra de arte. Tudo é muito rápido. Se não houver atenção, você não capta muito. É uma sequência interminável que pausa de acordo com as paradas do ônibus e termina no ponto de desembarque.

Não é fácil descrever o quadro. É mais ou menos assim:

Quatro peças de roupa estendidas em um varal; uma casa na árvore; uma senhora aguando plantas, na companhia de um cachorro; um moleque sentado numa janela, observando uma gaiola de canários; um ancião lendo um jornal; um senhor podando uma árvore; um mecânico consertando um

carro; umas crianças correndo umas atrás das outras num campo de futebol abandonado; umas velhinhas levando umas sacolas cheias de verduras; um casal passeando de mãos dadas; um gato espreguiçando-se; um ônibus escolar que ultrapassa à nossa frente; uns operários trabalhando em obras de saneamento dum trecho de rua; umas gotas de chuva embaçam a tela; tudo fica meio cinzento; portas e janelas que se abrem, que se fecham, que deixam escapar, que deixam penetrar; uma visão promíscua que não se pode compreender.

# CONTO IRRACIONAL<sup>1</sup>

Depois de um sono profundo de mil anos, Nicolas, o grande filósofo, despertou numa cidadezinha que mais parecia um povoado. Estava caído no meio da rua e examinava, assustado, tudo que estava à sua volta. Insistentemente, procurava alguém. Precisava de ajuda para se levantar. Seu franzino e dolorido corpo havia resistido à força dos séculos que se passaram para ele na dimensão absurda de seus pesadelos. Agora que finalmente acordara, imaginava ainda estar sonhando. Certamente, não seria o melhor de seus sonhos.

Quando, afinal, conseguiu distinguir o que antes parecia obscuro em sua embaçada visão, teve um grande susto. Dois macacos se aproximavam dele, continuamente, a passos lentos e demorados. Algo, porém, chamou sua atenção. Eram diferentes aqueles animais. Andavam civilizadamente como pessoas comuns e usavam roupas, as mais finas possíveis. Seriam animais circenses? Estariam encenando algum espetáculo ao ar livre? Com os pensamentos desordenados, Nicolas chegou ao êxtase de seu susto quando ouviu o primeiro macaco falar.

— Precisa de ajuda, companheiro? — indagou o chimpanzé.

— Está se sentindo bem? — quis saber o outro primata.

Nicolas, entre o espanto e a fascinação, transpareceu a expressão de quem se depara com o mais surpreendente milagre, jamais antes visto por olho humano.

— Vocês... Vocês... podem falar? — balbuciou o filósofo.

— Obviamente. O que há de estranho nisso? — perguntou o primeiro macaco.

— Todos os seres humanos são capazes de falar — explicou o outro.

Mesmo sem entender com clareza o que lhe acontecia, Nicolas aceitou a mão peluda de um dos macacos e conseguiu ficar de pé. Tinha um ferimento na cabeça que, felizmente, não era nada sério. O sangramento estancara e sua face trazia nódoas de sangue coagulado. Os primatas, percebendo que ele, provavelmente, era um desconhecido desmemoriado, puseram-se a ajudá-lo.

Embora a ideia deste conto pareça plagiar a obra de Pierre Boulle, *O Planeta dos Macacos* (1963), a verdade é que ele foi escrito anos antes de eu conhecer o aludido romance francês, como também sua adaptação cinematográfica. É um daqueles casos em que somos vítimas de uma extraordinária coincidência. Ainda que não seja acreditado pelo leitor, sou consciente defensor da inocência deste Conto Irracional.

— És um estrangeiro, amigo?

— De onde vieste?

— Eu não consigo me lembrar — falou Nicolas, analisando os primatas de cima a baixo.

— Estamos vendo que tens um ferimento. Deixe estar que o conduziremos ao hospital mais próximo, para que possam lhe fazer um curativo.

— Em seguida, podemos levá-lo numa dessas lanchonetes para comer alguma coisa. Ao que parece, você deve estar faminto.

Nicolas acompanhou o passo lento dos macacos, imaginando que devia ter ficado louco. Durante anos, dedicara grande parte do seu tempo ao estudo da mente humana, às teorias e pensamentos de grandes filósofos que viveram muito antes dele. Cada vez que refletia sobre o homem, suas ideias pareciam variar. Sua esposa reclamava de seu comportamento e dizia não estar mais aguentando tal situação. Alguns vizinhos o tinham como louco e faziam piadas com xingamentos agressivos. Lembrava de uma experiência complexa que arriscara fazer, analisando o cérebro humano junto aos de outros animais. Depois de vários dias de trabalho e reclusão, dentro de seu laboratório, cochilara e, então, dentro de poucos minutos, dormira profundamente, no momento exato em que chegara à conclusão final de sua brilhante e inédita experiência. Daí em diante, uma sequência interminável de sonhos e pesadelos que duraram séculos inteiros. Agora que finalmente acordara, achava-se em um lugar que parecia ser a Terra, mas começava a duvidar, enquanto seguia os primatas.

Andando pelas ruas da cidadezinha desconhecida, Nicolas percebeu que era repleta de macacos; e todos andavam à maneira dos dois primeiros que conhecera, civilizadamente, cobertos de roupas dos mais finos tecidos. As macacas, especialmente, andavam cobertas de joias e vestidos alvíssimos, calçadas de sapatos com salto alto, e protegidas por uma sombrinha. Os macacos, em sua maioria, usavam ternos de cores que iam do preto ao azul-marinho, mais um chapéu que protegia-lhes do sol que era causticante. Nicolas, em roupas que mais pareciam trapos, derramava-se em suor e tinha muita sede.

— Tranquelize-se. Logo beberás.

— Estamos quase chegando ao hospital. Daqui, pode-se vê-lo. Vês?

Nicolas, sempre surpreso, admirou as ruas que, sempre limpas, não traziam um pedaço de papel. Ainda assim, viu um macaco vestido de uniforme, recolhendo num saco as folhas secas que caíam das árvores. E muitas eram as árvores que havia naquela linda cidadezinha.

Tudo naquele lugar lembrava-lhe os tempos dos seus avós. Quanta simplicidade! Quanta harmonia! Tudo ali parecia viver bem, à exceção dele que era como um pingo de tinta que, por acidente, borrara a mais bela pintura. Contudo, sentia-se bem melhor. Uma tranquilidade indizível invadia todo o seu ser.

No hospital, além de algumas macacas vestidas como enfermeiras, poucos macacos estavam na fila de espera. O estranho era que nenhum deles parecia estar doente. Assim como os macacos da rua, os que estavam no hospital olhavam-no com ar de espanto. Nicolas ouvia rumores de conversas e cochichos que micos, chimpanzés e gorilas trocavam entre si. Quem o visse, julgaria logo ser urgente seu problema. Sua figura esquelética, suja e maltrapilha era um assombro naquele paraíso onde reinava uma plena harmonia de cores. O que Nicolas ainda conseguiu absorver dos rumores que ouvira, foi: “Como ele chegou até aqui?”.

Depois de ser atendido, Nicolas pôde tomar um banho com sabão, comer e beber à vontade. Trouxeram-lhe roupas limpas e passadas para substituir os trapos que vestiam seu corpo reles e enfraquecido. Ofereceram-lhe um leito para repousar, mas Nicolas temeu não acordar mais e recusou, dizendo que seria muito de seu agrado se os colegas lhe apresentassem a cidade. Os dois macacos entreolharam-se e aceitaram a proposta do “estrangeiro”. Pelo caminho, trocaram um dedo de prosa.

— Confesso minha admiração. Este lugar é um paraíso fascinante.

— O lugar de onde vieste era, todavia, de menos valor? — perguntou o primeiro macaco, mostrando-se bastante curioso.

— Não exatamente. Quero dizer... De onde venho, as pessoas não são exatamente como vocês.

— Então, são como você? — quis saber o outro macaco.

— Sim. O meu mundo era cercado de homens e mulheres, seres humanos como eu.

— Seres humanos? Essa é boa. Está dizendo que você é um ser humano? — admirou-se um dos primatas.

— Nós é que somos seres humanos — afirmou o outro macaco.

— Não é possível. Neste caso, o que eu sou? — implorou Nicolas.

— Você é um animal assim como nós, porém, irracional.

— Irracional?

— Sim. O chamado “bicho-homem”. Trata-se de uma espécie muito perigosa que esteve a ponto de destruir o mundo inteiro. Um dia, porém, nós tomamos as rédeas da situação.

— O que estão dizendo? Isto é um absurdo.

— O “bicho-homem” é o mais egoísta de todos os animais, incapaz de preservar o próprio meio em que vive, iludido pela ambição de conquistar o mundo todo.

— Estás dizendo que existem outros como eu por aqui? Onde? Andamos por várias direções, mas não consegui encontrar um único homem sequer, além de mim.

— É porque ainda não lhe mostramos tudo.

Os macacos apressaram o passo e Nicolas os seguiu, ansioso por ver alguém, talvez um conhecido, sua esposa, seus vizinhos. Contudo, Nicolas teve uma visão que o deixou perplexo. Por pouco, não desmaiou o filósofo. Uma visão arrasadora causou-lhe um arrepio de medo, ao qual não estava acostumado. Sentiu que seus pés enfraqueciam com o peso do seu corpo que parecia ter aumentado. Iria cair a qualquer momento. Uma vez que acordasse depois de mais mil anos de sono, jamais esqueceria aquela terrível visão que o arrebatara de qualquer realidade.

Presos numa jaula imensurável, milhares de homens e mulheres corriam nus, desesperados, loucos, totalmente sem rumo, apenas pela diversão, e perseguiam-se uns aos outros. Naquele lugar de tormento, no meio de uma imundície de excrementos, acasalavam como seres irracionais e berravam sons desconexos que não queriam dizer nada, apenas expressar um prazer inexplicável na realização de suas verdadeiras naturezas, recalçadas durante tanto tempo. Ali, nascia-se, vivia-se e morria-se no entretenimento dos gozos brutais que satisfaziam suas natas aspirações.

— Levem-no!

De repente, vários outros macacos apareceram e seguraram Nicolas, para que não escapasse de seu iminente destino.

— Soltem-me, soltem-me! — gritou Nicolas, saturado de desespero.

— “Bicho-homem”, você não é humano; não merece viver em nossa sociedade civilizada. Você é mais um animal irracional deste mundo perdido. Seus irmãos estão lhe esperando.

Nicolas foi jogado dentro da jaula onde estavam seus irmãos. Quando estes o avistaram, correram na sua direção, com as mãos estendidas para ele; arrancaram suas roupas e começaram a tocar, a lamber, a morder todo o seu corpo, numa loucura inimaginável, enquanto Nicolas, com as mãos seguras nas barras enferrujadas da jaula, gritava também como um louco, no impulso sofrível de suas últimas forças, para que pudessem lhe ouvir antes que fosse tarde demais.

— Tirem-me daqui! Tirem-me daqui! Eu não sou como eles! Sou assim como vocês! Sou humano! Sou humano! Sou humano!...

# NUNCA MAIS CRIANÇA

Estava lendo, atenciosamente, algum romance do doutor Macedinho, quando vi a porta do escritório se abrir com toda a força. Era Eduardo ou, simplesmente, Dudu, meu querido neto, que vinha correndo com grande entusiasmo, a fim de me abraçar.

— Vovô, vovô! — exclamava, cheio de alegria, o meu moleque de cinco anos. — Vovó disse que o senhor estava aqui.

— Ah, Dudu... Você sempre pergunta à sua avó, porque sabe que, mesmo se eu estivesse no fim do mundo, ela saberia onde me encontrar. O seu pai e sua mãe estão aí?

— Sim. Todo mundo veio cantar o “parabéns pra você”!

— Mas como? Não me diga que hoje é...

Meu pensamento foi interrompido por Eduardo, meu filho mais velho. Assim como seu filho Dudu, estava radiante, e entrava sem cerimônia em meu aconchegante escritório. Meu segundo abraço ficou por conta dele, naquela manhã de sábado.

— Vejam só uma coisa dessas! De tanto ficar lendo essas velharias, cada dia que passa, o senhor fica mais velho, pai. Nem o dia do aniversário lembra mais?

— Edu, não esperava que viessem hoje. Realmente nem lembrava que hoje é o meu dia de anos. Quantos são mesmo?

“Setenta e três”, dissemos os dois ao mesmo tempo.

— Tudo isso? — perguntou Dudu, tentando calcular minha idade pelos dedinhos das mãos. — Acho que ainda não sei contar até setenta e três.

Mesmo que tivesse lembrado que era o dia do meu aniversário, jamais poderia prever a surpresa armada por meus filhos, em cumplicidade com minha velha senhora. Fizeram um bolo todo confeitado de coberturas de diferentes cores. Naquela belíssima ornamentação, sorri ao ver os balões e os gorrinhos na cabeça de todos. Àquela altura, eu já tinha abandonado O Rio do Quarto para continuar mais tarde. Ouvi todos cantarem o “parabéns pra você” e pude perceber que Dudu era o mais enérgico de todos, o que cantava com mais brilho e entusiasmo. Estava emocionado.

— Agora, Dudu, em nome de todos nós, vai entregar o presente que

compramos para você. Entregue pro vovô, filho!

Dudu foi buscar o presente que estava escondido. Quando voltou, pude ver o comprido embrulho em suas mãozinhas tão pequeninas.

— Quer ajuda, filho? — ofereceu-se Edu.

— Não, eu posso segurar sozinho, porque sou muito forte, e assim como o vovô, vou ser um grande pescador.

— Obrigado, Dudu, mas já estou acostumado a pescar sozinho.

— Vovô, você me ensina a pescar? Quero pescar um peixe bem grande, do tamanho de uma baleia.

— Hê, hê, hê... Claro que ensino, Dudu. E depois que você pescá-lo, vamos comê-lo numa semana todinha.

— Ué, você não vai desembulhar? — perguntara Edu, meu filho.

Com certo esforço, cuidado e cautela, fui desembulhando aquilo que não poderia ser outra coisa, além de uma vara de pesca. O diferencial, porém, estava na qualidade do objeto. Era um instrumento profissional, capaz de sustentar peixes bem pesados. Era um presente perfeito para mim, um velho pescador de longínquas águas.

Aquele delicioso sábado estava a todo momento me fazendo lembrar de minha adorada infância. Quando tinha os felizes cinco anos, a idade de Dudu, acompanhava meu pai em seus trabalhos de pesca. Éramos de uma família muito humilde e sobrevivíamos, todos, dos peixes que papai vendia na feira. Contudo, era muito pouco o que papai recebia por cada pesca.

Aos poucos, ele ia me ensinando a como posicionar a isca, a como lançar o anzol na água, e muitas outras estratégias que aprendera ainda nos Estados Unidos, onde nascera. O velho Edward me dera seu nome, que pus em meu filho que, por sua vez, o pôs em meu neto. Assim, para distinguirmos um do outro, tratávamo-nos assim: Edward, Eduardo, Edu e Dudu.

Felizes são as recordações que trago das pescarias que fizemos, papai e eu, conforme fui crescendo. O tempo foi o grande responsável pela troca dos papéis. Passara de aprendiz a pescador profissional, enquanto papai, que não queria entregar os pontos tão fácil, dizia-se meu companheiro de pesca. Sua fuga contra a velhice, no entanto, fora inútil. Morrera no batel, silenciosamente, como costumávamos ficar para não espantar os peixes. Havia um, inclusive, preso em seu anzol, mas, àquela altura, ele já não tinha forças para trazê-lo à superfície. Foi assim que eu pesquei o último peixe pescado por papai.

Quando tinha a idade de Dudu, porém, pescar não era minha única diversão. Juntava-me aos demais garotos do bairro e divertia-me até não poder mais. Brincávamos de todas as modalidades de pega-pega que já foram

inventadas. Jogávamos bola com algo que não era exatamente uma bola, mas, mesmo assim, não era menos divertido. Empinávamos pipas em tais altitudes que, às vezes, as perdíamos de nossa vista. Quase nunca brincávamos com as meninas que, geralmente, não tinham a mesma liberdade que nós tínhamos. Uma vez por outra, podíamos brincar de amarelinha com elas e, tinha que admitir, era muito mais divertido, especialmente quando Nina estava na brincadeira.

Nina era uma boneca viva que possuía uma pose de mulher adulta que era fascinante. Sua maneira de jogar a pedra, seu jeito de pular o jogo, seu sorriso quando vencía um menino; tudo nela me fascinava, até mesmo quando caía e começava a chorar pelo machucado no joelho.

— Não chore, Nina. Vai ver como logo passa.

Sou do tempo que as crianças eram iluminadas por uma cândida inocência, livre de toda e qualquer mácula. Éramos apenas crianças que se contentavam em brincar umas com as outras. Não tínhamos sentimento de maldade nem quando íamos, às escondidas, no quintal da casa de Nina, roubar algumas goiabas para comer, depois do jogo. Uma vez, fomos surpreendidos pela mãe de nossa amiga e tivemos de escutar poucas e boas. Até Nina zangou-se comigo.

— Eduardo, nunca mais quero falar com você, porque você é um ladrão muito mau.

Imaginem só?! Ser chamado de ladrão, apenas por desejar comer algumas goiabas! De fato, o que mais irritava a mãe de Nina não eram as nossas travessuras, mas a nossa classe social. Daí em diante, nunca mais pudemos brincar com Nina. Às vezes, a víamos com outras crianças, porém nunca mais com aquela alegria sincera de quando brincava com nossa turma do bairro.

Não poderia deixar de lembrar da nossa escola. Dei um trabalhão quando tive que começar a estudar. Na época, os outros meninos, que já frequentavam a escola, contavam-nos histórias assustadoras, apenas para nos fazer sentir medo. Em poucas semanas, já havia me acostumado com tudo. Tínhamos uma professora muito bonita, a quem chamávamos de tia. Tia Liza andava sempre bem vestida e perfumada. Todas as meninas queriam ser como ela e até tentavam se vestir parecidas.

Tia Liza era muito paciente e compreensiva com todos nós. Muito religiosa, obrigava-nos a rezar todos os dias, antes de começar suas aulas que eram, incrivelmente, divertidas. Brincávamos, cantávamos, dançávamos e tínhamos de pagar prendas, se errássemos nas provas de arguição. Foi muito triste, porém, no ano seguinte, quando tivemos que mudar de professora. Nunca mais assistiríamos às aulas dinâmicas de tia Liza.

Sou do tempo que a infância era uma coisa real e sinônimo de liberdade. A infância era algo tão bom, que custávamos a deixá-la de todo; às vezes, somente por volta dos quinze anos, tão bom que era.

Olhando para Dudu, tenho inveja de sua infância, principalmente hoje, que estou um ano mais velho. A juventude é um tesouro que se perde tão depressa, e quantas não são as pessoas que não sabem aproveitá-la.

— Antes de apagar as velinhas, vovô, você tem que fazer um pedido.

— E posso pedir qualquer coisa?

— Claro que pode.

Quem dera pudesse mesmo! Se tivesse, de verdade, a chance de realizar qualquer desejo que fosse, não desejaria ser milionário ou ter um iate particular; não desejaria ser o presidente de uma república, tampouco o rei de uma monarquia. Tudo o que queria neste momento era voltar a ter cinco anos, para recuperar minha inocência e minha pureza; para brincar toda a tarde, sem nenhuma preocupação; para pedir a santa bênção de meus pais todas as noites, antes de dormir; para sonhar com o bicho-papão, e depois acordar e perceber que era só um pesadelo.

Quero ser criança de novo, e dói-me pensar que nunca mais eu serei. Nunca mais criança! Não posso aceitar. Não quero desejar outra coisa, porque mesmo que não possa voltar a ser aquele menino feliz de outrora, posso fechar os olhos esta noite, e sonhar que sou criança outra vez.

Depois de soprar as velinhas, posso ouvir, com felicidade, os aplausos dos meus, que sorriem satisfeitos, contemplando a vitória de alguém que viveu uma vida inteira.

# PERMISSÃO PARA PECAR |

— Ave Maria Puríssima!

— Sem pecado concebida.

— Conte-me seus pecados, filha.

— Nem sei por onde começar, padre. Sinto tanta vergonha do que tenho pra contar.

— Tenha confiança em Deus, filha. Não há pecado que não possa absolver.

— Às vezes, temo que não seja assim. Há pecados que talvez sejam irreparáveis.

— Ainda que os houvesse, não acredito que seria o seu caso. Não é por estarmos em ato de confissão que devo fingir não conhecê-la. Eu sei quem tu és. Conheço-te já faz muito tempo e sei de tuas ações. Não acredito ser irreparável o que quer que tenha praticado.

— Não se trata de algo que aconteceu, mas sim de algo muito provável.

— Vir até aqui já é um grande passo para evitar o que quer que seja. Que poderia ser?

— Padre... Eu amo.

— A palavra de nosso Senhor nos diz que o amor é um dom, filha. Não há com que se envergonhar. Amar não é nenhum pecado.

— Neste caso, sim, padre. Sou consciente de que estou em pecado. Por isso preciso de sua ajuda.

— Explique-se. Que há de ilícito em seu amor, que a faz se sentir assim?

— É um homem casado, padre. É meu vizinho, para lhe ser sincera.

— Céus... Mas filha, como isto se sucedeu?

— Nem sei, padre. Só sei que o amo e não posso tirá-lo da cabeça. Sou grande amiga de sua esposa. Ela e eu temos conversado muito estes dias. Falamos de muitas coisas, inclusive dele.

— Ela não suspeita de nada?

— Não. Tenho sido o mais prudente que posso, a fim de disfarçar tudo.

— E ele? Sabe de alguma coisa?

— Talvez.

— Disseste algo?

— Não! Não poderia nem teria coragem.

— Então, como...

— Desconfio que ele sabe. Talvez tenha percebido na forma como o olho.

— E como é isto?

— Ah, padre... É muito lindo... Não posso evitar fitá-lo constantemente.

— E não teme que a descubram?

— Quanto a isso, tenho cuidados. Estou certa de que ninguém nunca suspeitou; exceto ele, padre; especialmente, por uma vez que me surpreendeu a olhá-lo. Ele sorriu para mim e ficou ali parado, observando minha atitude. Que susto tive quando nossos olhares se cruzaram! Eu tentei, mas não pude baixar a vista. Eu todinha tremia, até que apareceu a mulher dele.

— E você, que fez?

— Apenas fechei a janela. Desde esse dia, toda vez que ele me vê, me olha diferente, com um olhar que quer dizer alguma coisa, e não sei bem por que, mas isto me deixa feliz. Outro dia, pediram que eu olhasse o filho deles e eu logo aceitei. A criança se parece tanto com ele... Tive-o ali, sob minha proteção, e desejei que fosse meu aquele filho. Desejei a sorte alheia, padre. Desejei tudo o que é da minha vizinha, inclusive seu marido. O que eu faço, padre? Como posso evitar cometer uma loucura? Não percebe que estou à beira de destruir um lar? Trata-se de uma família feliz. Tudo corria bem ali, até eu me apaixonar. E, agora, temo não poder evitar o pior.

— Minha filha, não se martirize tanto. Deus nos deu um espírito forte para compensar a fraqueza de nossa carne. Não há que desesperar. Não será você a primeira ou a última mulher a ter esse tipo de sentimento. Quantas mulheres não tiveram a virtude e sensatez de sua alma! Antes deixaram-se entregar ao pecado sem remorso algum; talvez até na vil tentativa de fazer o mal. Não queira se culpar pelo que você não fez, criança. Esta provação é apenas uma nuvem passageira.

— Mas eu o desejo, padre. Quero ele para mim. Quero tudo que é dela. Não posso evitar. Acredite, eu não tenho forças para lutar contra isso.

Esta tentação é pesada demais, padre. Não poderei suportar. Não poderei resistir àqueles olhos sedutores, aos seus gestos carinhosos. Ah, quando ele fala comigo... traz aquela voz carregada que me põe nervosa. Outro dia, quase me beijou e...

— A que ponto chegaram as coisas, filha? Como você permitiu que este sentimento crescesse, sabendo ser indevido?

— Não o fiz crescer. Foi ele que me abraçou, e agora não posso mais me libertar dos seus braços. Sei que estou errada, mas não posso negar que, mesmo assim, é isso o que eu quero. Quero tomá-lo dela. Preciso senti-lo...

— Estás escondendo algo de mim? Acaso, aconteceu mais alguma coisa entre vocês?

— Não, padre. Ainda não.

— Ao que parece, estás decidida a se entregar facilmente àquilo com que lutas...

— Sim, padre. Acontece que ele está tão perto de mim...

— E tão longe ao mesmo tempo. Filha, a família é uma instituição constituída por Deus. Ai daquele que se levantar contra o projeto do Senhor. O casamento é um vínculo sagrado abençoado pelas mãos do Criador; é um laço que não pode ser desfeito, uma vez que foi construído para ser eterno. Se você realmente ama a este homem como diz, não permita que ele comprometa a felicidade de seu lar.

— Mas se não for comigo, poderá ser com outra. Permita-me possuir esta felicidade, padre. Conceda-me a permissão divina para que eu possa pecar...

— Cala-te, mulher! Não percebes a tolice que dizes? Primeiro, chegas aqui, suplicando ajuda para resistir às investidas do mal, para depois, como uma louca, pedir-me permissão para pecar?

— O senhor é representante de Deus aqui na Terra, padre. Ninguém mais poderia me conceder esta bênção. Por isso revesti-me de coragem e vim aqui suplicar-lhe pela minha causa. Tenha misericórdia do coração de uma mulher que ama desesperadamente.

— Você não o ama. Isto não passa de um capricho. O que corrompe o seu coração é a inveja. Assim, você deseja tudo o que é de sua irmã. Não vê quão baixo isto é? É tempo de se arrepender, filha! Peça perdão a Deus por seus pecados. Nem tudo está perdido.

— Mas se eu não posso conseguir...

— Você precisa, primeiramente, tentar.

— É inútil, padre. Tudo o que eu possa fazer é inútil.

— Onde está a tua fé?

— Reze por mim, padre, por favor...

— Não chores, filha. O Senhor seja contigo todo o tempo! Que seu coração seja iluminado pela pureza dos santos. Que todo investimento maligno desça de volta ao inferno. Eu te absolvo de todo o pecado. Amém. Estás curada, filha. Tens as vestes limpas novamente.

— Obrigada, padre. Até breve!

# A DIVORCIADA

Mônica Valverde é caprichosa. Vive implicando com tudo, começando pelo nome. Segundo ela, Mônica é nome de criança. Lera numa revistinha quando pequena. Gostava de ler. Lia muito mesmo: do horóscopo ao gibi; do romance de banca ao livro de culinária; da revista de fofoca àquele volumão com a interpretação dos sonhos. Lia e entendia, ou pelo menos pensava assim.

Apaixonou-se por um daqueles romances róseos feitos para moças. Queria ser a protagonista. Pintou os cabelos dum louro reluzente e passou a se chamar Elisabeth. Isso, com “th”, porque com “te” era muito simples, no seu dizer; ainda que a do livro fosse com “te”. Chamavam-na de Mônica e ela nem to you. Chamava-se Elisabeth desde que se entendia por gente. Nunca tivera outro nome.

Namorado estava difícil. Depois que lera um artigo de uma de suas revistas intitulado “Porque os Homens Não Prestam”, tudo ficara praticamente impossível. Primeiro de tudo, o garoto (porque tinha que ser um garotão) precisava ter o nome de Jorge Luís. E isto era fundamental. Ouvira numa telenovela. Achava o nome perfeito. Contudo, se lhe aparecia um Jorge que não fosse Luís, não servia. Se o contrário, muito pior. Aparecera-lhe um Luís Jorge, mas a sonoridade não era a mesma. No auge de sua desesperança, encontrara com um tal Jorje Luiz. Implicara com as duas letras que diferiam da grafia do nome idealizado.

— Tudo bem. Eu namoro com você, mas com a condição de que, de hoje em diante, você escreva Jorje com “g” e o Luiz com “s”, sem esquecer ainda do acento agudo que é, simplesmente, indispensável.

E foi assim que Jorje Luiz se tornou Jorge Luís.

As coisas estavam indo bem entre eles. Jorje Luiz, digo, Jorge Luís era o namorado ideal. Elisabeth, muito exigente, fazia dele o que queria. Ele, muito submisso, a tudo obedecia. Ouvira dizer que, num relacionamento, um dos parceiros tinha que ceder, para que as coisas não desandassem. Até ali, a teoria estava funcionando. Elisabeth estava ficando até mais carinhosa. Era toda bons modos.

— Jorginho, o que você pretende me dar de aniversário?

— Não é apenas no fim do ano?

— Sim, mas isto não o impede de, imediatamente, começar a pensar. Até porque tem que ser uma lembrança agradável aos meus olhos. Você sabe muito bem o que significa quando a namorada não fica satisfeita com o presente do namorado. Diz naquele livrinho que eu lhe dei de natal. Você mesmo disse que adorou, embora nunca tenha comentado comigo sobre o conteúdo...

Uma hora depois, lá estavam na mesma posição, sem que Jorge Luís interrompesse sua querida namorada, a não ser com um gesto afirmativo ou com um bocejo disfarçado. Tudo era sempre igual. Chato era quando Elisabeth percebia-lhe algum desinteresse pela conversa.

— Você está me ouvindo? Claro, não é? Todos os homens são a mesma coisa. Querem que a gente seja isso, seja aquilo... Quando, então, pedimos um pouco de atenção, nos tratam com desdém.

— Meu amor, você sabe que isso não está certo.

— Está mesmo tudo errado! Por mim, está tudo terminado.

Se Jorge Luís desesperava? Nenhum pouquinho. Elisabeth era um cálculo, e ele sabia exatamente como chegar ao resultado. Somavam-se a uns beijinhos umas palavras baixinhas; multiplicando isso por uma proposta de jantar em restaurante japonês no próximo domingo, e dividindo calculadamente sua atenção... Pronto. Tudo resolvido.

— Promete que não vai fazer mais?

— Eu prometo.

Quando ela, então, abria-lhe aquele sorriso, era a glória. Jorge Luís tinha a mesma sensação do alpinista que chegara ao topo do Everest. O ruim era que sua alegria era passageira. Não demoraria muito para que a sua Elisa lhe preparasse uma nova ceninha.

E aconteceu o seguinte:

Elizinha e Jorginho conversavam alegrinhos, quando uma loirinha passou pelo casal, soltou um beijinho, mais uma piscadinha e mais uma palavrinha:

— Jorginho...

Se Jorge Luís desesperou-se? Completamente. Caso inédito. Não conhecia aquele cálculo, mas o resultado...

— Diz pra mim, fala na minha cara o nome dela! Tu pensas que eu não sei quem ela é? Como se eu não conhecesse o histórico das suas oito ex-namoradas! Não, eu sou uma boba mesmo, não é? É assim que você paga por toda a minha dedicação? Por mim, está tudo terminado.

Um mês depois, estavam casados, no civil e no religioso; tudo

certinho como Deus mandava. A cerimônia religiosa foi simples, mas emocionante. Elisabeth mal conseguia segurar o choro. Conteve-se porque, enfim, disseram-lhe que não era bom sinal; que poderia, inclusive, comprometer sua vida conjugal.

— Senhorita Mônica Valverde...

— Elisabeth! — cochichou ao padre.

— Pois bem. A senhorita Elisabeth aceita a Jorge Luís como seu legítimo esposo?

— Claro e evidente que sim.

Quem bem observasse a Jorge Luís, perceberia em seu semblante certa alteração, mas uma alteração feliz. Fez tal expressão de alívio, que seu largo suspiro pôde ser ouvido perfeitamente, o qual foi respondido por uns sorrisos maldosos, trocados, furtivamente, pela nave da igreja.

Agora que estavam casados, deveriam fazer um bonito passeio de lua de mel. Nada de cartões postais nacionais! Elisabeth desejava Londres, Houston, Madrid. Fizeram um esforço e foram para Lisboa. Fora uma bela e excitante viagem. Tudo ocorrera às mil maravilhas.

E fora exatamente assim o primeiro ano de casamento de Elisabeth e Jorge Luís: às mil maravilhas. Ela, caprichosa como sempre; ele a tudo cedendo; e o tempo passou. Até que findado esse primeiro ano, ocorrera uma cena...

Fora uma cena de novela. Exatamente: dessas que passam na televisão. A personagem, aborrecida e entediada com sua vida de casada, pedira o divórcio. Não se condenaria ao sofrimento de manter uma relação insuportável, que já não fazia sentido algum. Era o melhor para os dois. Pouco tempo depois, falava de boca cheia: “Já estou divorciada!”

Que bárbaro! Aquilo fora estupendo. Uma frase assim era para ser dita de boca cheia mesmo. Fora tão emocionante a expressão de felicidade que usara a atriz para revelar o seu novo estado civil: divorciada: era assim que Elisabeth queria estar.

Logo que Jorge Luís retornara do trabalho, ela lhe confessou:

— Eu quero o divórcio!

Ele, meio sem entender, imaginou que não ouvira bem. Quando, porém, ela lhe repetiu a frase cruel, Jorge Luís quase veio ao chão. Ele chegou mesmo a cambalear. Não conseguia acreditar naquilo. De sua esposa, tudo podia esperar, mas aquilo... Nunca imaginou que fosse acontecer. Em todo o tempo, ele bem se esforçara para ser o melhor esposo, atendia aos menores caprichos, satisfazia a todas as vontades da mulher amada, suportara ouvir longos romances e histórias inacabadas pelas madrugadas... Tudo para ele era

aquela mulher, e agora ela lhe pedia o divórcio.

Jorge Luís perguntara-lhe o porquê, ao que ela respondeu um discurso que já havia ensaiado para a dita ocasião. Jorge Luís insistiu, fazendo mil e uma promessas, mas ela a tudo rebatia, enérgica e decidida. Nada a convenceria de desistir do divórcio. Quando Jorge Luís percebeu que não haveria jeito, cedeu, pela última vez, à vontade de Elisabeth, e deu-lhe o divórcio.

Finalmente, ela conseguira. Estava divorciada. Andava pelas ruas com uma expressão de felicidade indizível. Seus olhos brilhavam enormes, desejosos de revelar ao mundo o seu novo estado civil. Ela havia alcançado o êxtase do contentamento humano. Tanto se esforçou para dar mostras de sua felicidade, que sua figura tornou-se doentia, e ela foi definhando pouco a pouco.

Alguns meses depois, Jorje Luiz casara-se novamente. A nova esposa era uma simpatia, um amor de pessoa, a mulher da sua vida. Soubera por esse tempo que, após intentar um suicídio, Mônica Valverde fora internada numa clínica psiquiátrica.

# LITERATURA POR TODOS OS LADOS

Diante dos olhos de Pedro, Bertoleza suicidava-se, causando grande pesar. Já Ana presenciava o desespero de Eugênio ao revelar à mãe dele que não queria ser padre. Ivan se emocionava ao som da viola de José Gomes que, àquela altura, já esperava pela morte da qual não poderia escapar. Marina tinha dó de Inocência, tão subjugada pelo pai; e seu irmão, Guilherme, tentava entender o que realmente houvera entre Guida e seu sobrinho. Marcos não piscava os olhos, diante da beleza de Lenita, mas era Barbosa quem realmente se dava bem. Alice divertia-se com os caprichos de dona Carolina, ao tempo que tinha uma peninha do pobre do Augusto. O corpo escultural de Aleixo ruborizava dona Marta que, atenta, de vez em quando, espiava se não vinha ninguém. Camila era quem não podia crer no sentimento desinteressado de Peri; e seu filho, Lucas, não conseguia sair do portão do Ateneu, tão complexo que era entender o que ocorrera com Sérgio, depois que seu pai lhe deixara ali.

A Literatura está por todos os lados. Não se pode evitar. Veio o rádio, a televisão, a internet e o diabo a quatro, mas nem por isso Maria da Glória deixou de morrer. Quantas vezes não ressuscitou ela, e passou por tudo outra vez? E em todas as vezes, teve que se prostituir, conhecer Paulo, descobrir o amor, engravidar e depois morrer. E quem, porventura, terá coragem de dizer que Brás Cubas é um morto enterrado? Asseguro que tem ele mais vida do que muitos que estão do outro lado do papel. Que morto poderia contar tão bem a história de seus amores e desventuras pela vida? Por isso que digo que Machado morreu e Brás Cubas está vivo.

Macedo é outro que morreu, tão esquecido, enquanto Simplício, até hoje, busca curar inutilmente sua miopia. Quem poderá justificar tamanha resistência? Passaram-se mais de cem anos e Aurélia continua se vingando de Seixas, Iracema insiste em falar da flecha da paz, e Arnaldo não para de salvar a vida de dona Flor. Pessoas de todo o mundo presenciam estas e outras cenas, desde as mais cândidas até as mais ousadas. Assim, essas histórias vão se repetindo por aqui e por ali, e acabam por nunca serem esquecidas. Certo é que algumas se repetem com mais frequência do que outras; muitas, raramente vão à cena, como aquela da linda Regina que renunciou a tudo por seu amor, e acabou nas profundezas do mar, levando consigo, três irmãos que tanto a desejaram; e muitas, já tiveram suas exibições totalmente esgotadas, e já não há mais ninguém vivo que se lembre para contá-las.

A melhor parte que acho de tudo isso é poder recordar os acontecimentos que tanto me impressionaram, ainda que nunca tenham acontecido na vida real. De repente, você se sente andando entre seres imortais. Afinal, todos eles estão ali. A qualquer momento do dia, posso vê-los se quiser, contemplá-los nas mais diversas situações. Daí, sair passeando de casa em casa e observar tantos casos deste mundo paralelo é uma aventura incomparável. São tantas emoções, tantas experiências, tanta coisa pra admirar!... Como não rir das investidas de Ambrósio, completamente dominado pela ambição? E as travessuras do Leonardo, então? Malandro que fosse, não havia como não torcer para que ele escapasse do terrível major Vidigal. Chorar também é inevitável, que nem quando você vê o corpo da valente Luzia receber a bênção póstuma de Raulino; ou quando Maria vê seu filho sendo devorado pelos porcos; ou ainda quando D. Antônio de Mariz percebe que não há nada mais que possa fazer para salvar sua família da morte. E como não se apaixonar, diante da luta de Elias para casar com Lúcia; tal como a peleja de Augusto para domar a impossível Mila; e a prudência valiosa de Eduardo para não perder sua amada Henriqueta?!

São histórias que ficarão gravadas para sempre na memória de quem as ler. São mulheres e homens, velhos e crianças, seres humanos como nós, que lutaram, que venceram, que amaram, que morreram, e que foram conhecidos pelos avós de nossos avós, como também o serão pelos netos dos nossos netos. Tudo isso porque o homem é mortal, e eterna é a vida com a qual ele sonhou. Tudo passa, mas o Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, permanece assaz alto para discernir os risos e as lágrimas dos homens.

# TUDO AO MESMO TEMPO |

Era tão doce cena. O chorinho de Davi, o sorriso de sua mãe, a expectativa do seu pai. O nascimento de uma criança é como um milagre: é incrível, mas é real. Davi nem sabia que era Davi. Queria saber só de chorar e entender que luz era aquela que lhe estavam dando. Viera de um lugar tão escuro e, agora, parecia que nada mais ia ser igual. Enfim, o carinho e a presença dos pais logo o cobririam com o manto que traz o conforto ao coração. Isto se chama “ter a certeza de que tudo vai ficar bem”.

Enquanto Davi nascia, Bia estudava.

Bia era uma menina esperta. Sabia exatamente o que queria. Para alcançar o seu grande sonho de ser médica, era ciente de que precisava estudar muito. Aquele sonho era seu já fazia tanto tempo. Talvez pensasse que nunca ia chegar o dia. Passara por tanta coisa na vida. Só Deus sabia pelo que tinha passado. Agora, estava no último ano da escola. Não acreditava estar tão perto do seu sonho, isto é, se tudo corresse bem. Dinheiro não tinha para fazer faculdade particular. A saída era morrer de estudar para ser aprovada no exame de admissão. Força de vontade não lhe faltava, muito menos capacidade. Aquela menina jamais desistiria do seu sonho.

Enquanto Bia estudava, Raí ensinava seu filho Max a andar de bicicleta.

Max não tinha ainda três anos, mas já queria saber andar sozinho naquele sonho de brinquedo. Poder ir mais longe do que suas pernas poderiam alcançar era fascinante. Queria andar sozinho nela. Não queria o seu pai o tempo todo lhe segurando para não cair. Raí providenciara as rodinhas de trás. Era muito cuidadoso com aquele filho tão amado, aquele menininho tão especial que era sua vida. Nem tinha três anos e queria correr. Rezava para que, quando fosse maior, não quisesse ir para tão longe. Ele não tinha mais ninguém na vida. Não era mais filho, nem marido, nem irmão. Era só pai.

Enquanto Raí ensinava seu filho Max, Júlia e Léo estavam no cinema.

Naquele dia, Júlia e Léo completavam um ano de namoro e seguiam muito contentes com o relacionamento que firmaram. Queriam comemorar todo o dia. Naquela tarde, viam uma comédia romântica, dessas que têm um final muito previsível, mas enfim, estavam tão felizes e satisfeitos um com o outro... Eram beijinhos daqui, beijinhos de lá, pipoca na boquinha, carícias

instigantes e muita felicidade. Era só um ano de namoro, alguém poderia dizer; só mais um casal qualquer que sonha com a eternidade, à beira de um rompimento. Tivessem suas razões, estavam errados. Era algo mais. Amor? Provavelmente. Em tão pouco tempo, já se conheciam tanto um ao outro, como se tivessem crescido juntos. Léo tinha a certeza de que dariam certo um com o outro; Júlia ainda mais. Nem sabia ela, mas dentro do bolso do namorado, havia uma aliança de compromisso. Sim... Ele lhe pediria em casamento. O amor é uma surpresa que nunca se descobre, mas sempre surpreende.

Enquanto Júlia e Léo estavam no cinema, Adam estava em jogo duro.

Era, simplesmente, a final. Tinha confiança no seu time. Os rapazes jogavam muito. Para falar a verdade, eram amigos de infância; e o futebol, digamos, foi uma ferramenta essencial para a permanência dessa grande amizade que existia entre todos. Através dele, se conheceram; e por ele estavam juntos agora num jogo difícil e imprevisível. Até agora, 1x1, e já estamos perto do fim. Adam e seus colegas têm pouco tempo para ganhar, isto se não quiserem ir para a prorrogação. Perder não podiam, disso estavam certos. O importante não era competir coisa nenhuma. Tinham que ganhar de qualquer jeito. Vitória nem sempre é o que supomos.

Enquanto Adam jogava, Felipe morria.

Fora um acidente de moto. Tinha bebido e caíra sem capacete. Era grave o seu caso. Choravam seus pais, sua irmã e a namorada. Esperavam, impacientes, no interior do hospital, por uma notícia que lhes animasse. Temiam o pior, mas mantinham viva a esperança. Felipe entrara no coma. Seu caso só piorava. Estava desenganado. O mais provável era que morresse e não havia esperança que pudesse mudar o seu estado. Era tão jovem, pensavam todos. Tinha tanto o que fazer na vida mesmo. Todos acreditavam que, uma vez recuperado, ele tomaria aquela lição para o resto de sua existência. Contudo, poderia não dar tempo. Só um milagre poderia fazê-lo acordar. É preciso guardar a fé, pois nunca se sabe exatamente quando precisaremos dela.

Enquanto Felipe morria, pensava eu em todas essas coisas. Percebia que tudo se passava ao mesmo tempo, que o mundo gira para todos, e que não passamos de um detalhe para a vida. Certamente, enquanto você lê estas pobres páginas, milhares de coisas estão acontecendo e, embora não pareça, muitas delas dizem respeito a você. De repente, abre-se caminho para a curiosidade. O que minha mãe está pensando agora? O que meu filho anda fazendo quando não está comigo? Que será feito daquele amigo com quem não converso já faz tanto tempo? Por que não paro de pensar naquela pessoa? Por que viver, afinal? Agora mesmo, alguém está nascendo, estudando, ensinando, amando, lutando, morrendo. E você, leitor, que está fazendo

agora? Certamente, esperando pelo desfecho desta narrativa já tão demorada.

Pois bem. Davi foi para casa conhecer o seu aconchegante lar. Bia tirou 2º lugar em Medicina. Max correu tanto de bicicleta, que caiu e machucou o joelho. Ainda bem que Raí, seu pai, estava ali para curar suas feridas. Júlia, nem preciso dizer, aceitou o pedido de Léo, mas não pôde evitar um chororô e aquele beijo. Casam no final do ano. O time de Adam não venceu a partida. Foi mesmo uma droga, mas a amizade de todos continua inabalável. E quanto a Felipe... Este permanece em coma. Mas tenha fé, caro leitor. Ele acordará a qualquer momento.

# PRINCESA ENCANTADA

Foi nos intervalos de almoço que Clarice começou a me olhar. Conversava eu, distraidamente, com um companheiro de trabalho. Tantas coisas tínhamos em mente. Estávamos preocupados com uns compromissos que eram de nossa responsabilidade. Precisávamos nos concentrar. Trabalho sempre é trabalho. Ficar apenas adiando nossa responsabilidade podia até dar certo por um tempo, mas chega uma hora em que não há como fugir das obrigações. Foi neste período tão crítico de meu ofício que conheci Clarice.

— Caramba, cara! Aquela mina não para de te olhar.

— De quem você tá falando?

— Aquela ali de blusa rosa, macho; a que finge estar lendo um jornal.

— Finge, é? — ri-me de Gil.

— Vai dizer que tu nunca percebeu, Artur?

— Cara, isso é coisa da tua cabeça. Eu nunca nem vi ela.

— Tu é louco, doido? Ela tá aqui quase todo dia. Sempre anda com uma revista, um livro, ou fica mexendo no celular; senta sempre naquela mesa, esperando tu chegar; e fica te olhando direto, feito cobra quando quer engolir sapo.

— Cara... Tu viajou, bicho. A menina parece tão concentrada, que se tem algo que eu acho que ela vai engolir é aquele jornal, meu! Tu anda é trabalhando demais, doido.

No dia seguinte, à mesma hora, almoçávamos no mesmo restaurante e, felizmente, tudo parecia estar seguindo em paz pela nossa empresa.

— Tô sentindo que hoje mesmo a gente fecha aquele contrato, Gil. Eu não sei o que é, mas tem algo me dizendo isso, cara.

— Vamo ver, né? Tem que ter calma nessa hora, bicho, porque não adianta nada a gente se animar à toa. Deixa o negócio andar mais, cara, que pode ser que acabe dando certo.

— Pois eu tô é confiante. Nem venha estragar minha esperança, que eu já tô sentindo aqui no bolso a minha comissão.

— Ahã... Tu já viu quem é que tá bem ali, naquele canto? — perguntou, indicando-me o ponto a que se referia. — Agora, diz que é conversa fiada! Lá está ela, agora com um caderno.

Quando olhei para a dita moça, percebi pela primeira vez que ela realmente estava me olhando. Isso meio que despertou minha curiosidade. Afinal, só podia ser verdade o que Gil dizia: aquela menina só podia estar apaixonada por mim.

— Vai lá, cara, fazer companhia à menina. Pede o número dela e tal, queixa ela um bocadinho... Tu olha, que ela é bem gatinha. Se tu não for logo, vem outro, besta!

— É... Feia ela não é.

— Tu parece que é otário, macho. Feia é aquela tua ex. Ô égua feia, bicho, aquela tal de Cirilane. Eu não sei nem como era que tu namorava com aquilo. Se fosse a irmã dela, eu tava até calado...

— Ei, cara, respeita a menina. Gente boa, ela. Só não deu certo entre a gente porque as coisas mudaram muito, com o tempo, entre nós.

— Hã... Eu sei o que foi que mudou. Apareceu a Vivi naquela festa e tudo realmente mudou.

— Ei, doido, te cala, que a menina tá vindo pra cá.

Gil tentava disfarçar o riso e eu estava visivelmente incomodado.

— Isso aqui é pra você — disse-me ela, estendendo-me uma folha do tal caderno que trazia cuidadosamente dobrada. — Leia apenas quando chegar em casa, está bem? Tem que prometer.

Sem entender direito o que acontecia, recebi o papel e apenas acenei, num gesto de confirmação. Ela, sem mais nada dizer, foi embora com seu caderninho colorido. Gil ria-se irritantemente e debochava de minha expressão.

— Ei, Artur, tu tá todo vermelho, meu! Vamos, meu chapa! Abre logo essa parada aí, que eu fiquei foi curioso.

— Ora, se ela escreveu foi pra mim. Vai revisar teus ofícios, que é melhor — respondi, escondendo o papel dentro do bolso.

Quando finalmente liberei-me do Gil, tive grande tentação de sacar o papel do bolso e lê-lo de uma vez, mas resisti, lembrando-me do trato que fizera. Não sei por que estava dando tanta importância àquilo. Talvez eu já suspeitasse ser algo muito interessante o que estava por vir.

Cheguei em casa e pude, finalmente, saciar minha curiosidade. Era nada mais nada menos que uma carta de amor; belíssima, por sinal. Estava embasbacado e mal podia acreditar naquilo que estava lendo, tamanha era minha surpresa. Quero dizer: nunca uma garota escreveu uma carta de amor para mim. Suspeitava que isso nem existisse mais. Eu me sentia assustado de verdade. Já tinha conhecido uma porção de meninas, mas nunca nenhuma

delas tinha dado o primeiro passo. Era sempre eu que chegava e dizia um montão de baboseiras, que beijava primeiro, que pedia em namoro... Aquela demonstração/declaração era inédita para mim. Ali, descobrira o nome da minha interessante pretendente: Clarice.

— E aí, Artur, meu brother! Tu nem me conta da carta, maluco. O que foi que a menina escreveu pra ti?

— Tantas coisas bonitas. Fiquei pensando em cada palavra até agora. Nunca tinha acontecido, cara, duma menina escrever uma coisa tão bonita pra mim.

— O esquisito é que ela não veio hoje. Ficou bem com vergonha de ti, Artur. Mas me conta, tu gamou mesmo na mina?

— Me apaixonei, velho. Decidi conhecer e tudo. Ia falar com ela, hoje, mas é como tu disse: ela nem veio hoje.

— O que é aquele negócio em cima da mesa que ela fica?

— Parecem flores. Será da decoração do restaurante?

— É não, cara, que é só lá que tem, bicho. Vai lá ver que negócio é aquele.

Repousava sobre a mesa costumeira de Clarice um lindo buquê de flores. Ao lado, uma caixa de bombons, em formato de coração. Entre os dois, um cartão com uns anjinhos dourados de um lado; do outro, a caligrafia que já conhecia: “Para Artur, com carinho. Clarice.”

Um garçom que passava por ali, vendo-me ler o cartão que achei na dita mesa, tocou-me no ombro e foi logo dizendo:

— Mais cedo, passou por aqui aquela moça de sempre, e deixou isto aí pra você. Trate de levar tudo logo, porque dá a impressão de que a mesa já foi ocupada, se é que me entende.

Gil não deixou passar aquela cena. Que situação! Eu com um buquê de flores, mais uma caixa de chocolates, sem saber o que fizesse.

— Essa tá no papo, garanhão!

Aquilo não estava certo. Era legal saber que tinha conquistado uma garota e que ela já estava loucamente apaixonada. Como tudo estava acontecendo era que não podia deixar de ser estranho. Que espécie de mulher era essa Clarice? Em outras circunstâncias, diria ser alguma oferecida, mas a maneira como ela estava me paquerando, me deixava louco, atormentado, desconcertado, sem ação. Talvez, por ela já estar fazendo tudo, eu não sabia o que fizesse. Gostava desse joguinho de flertes, mas me sentia incomodado mesmo assim.

A vida inteira, me disseram que os homens tinham que tomar a

iniciativa num relacionamento, e que não se podia confiar em mulher alguma que tentasse passar à frente do parceiro e tomar as atitudes que correspondem ao mesmo. Era exatamente isso que Clarice estava fazendo. Ela estava me paquerando, dando em cima de mim, escrevendo coisas de amor, me dando presentes... Geralmente, é o cara que tem que fazer essas coisas. Não podia evitar ficar assustado. O que mais faltava a ela fazer?

— Falta só ela passar a mão na tua bunda.

— Olha o moral, cara. Vai que a mina chega e te escuta?! Para de ficar só achando graça e tenta me ajudar a pensar no que fazer. Tá parecendo é que ela também não vem hoje.

— Cara, se eu fosse tu, eu não tava nem vendo. Eu mostrava a ela de uma vez por todas quem é o homem da relação, bicho. Aí, deixava ela bem quietinha, bem mansinha. Tu sabe o que eu tô falando, mano. Mulher gosta é de atitude.

Enquanto Gil terminava de me aconselhar, meu celular tocou.

— Alô!

— Oi. Tudo bem com você?

— Tudo beleza. Tô sentindo sua falta. Cadê você?

— Sério? Também tô com saudade. Queria tanto te ver hoje, falar com você. Você já almoçou?

— Já, já. Você tá falando de onde?

— Tô aqui na praça, sozinha. Você tá muito ocupado? Tava precisando conversar com você, trocar uma ideia. O que você acha?

— Eu tô livre. Você tá é aí na pracinha, perto daqui?

— Ahã. Dava pra você dar um pulinho rapidinho, pra eu te contar uma coisa?

— Claro. É só aguardar um pouquinho, que eu tô chegando.

— Tá certo, mas não demora, tá? Você não vai se arrepender. Beijo, até logo!

Gil, que prestara atenção em toda a conversa, sorria e aplaudia aquele suposto primeiro encontro. Esperava, agora, que eu fizesse tudo conforme o que ele julgava por certo. Eu, é claro, tinha minha própria maneira de agir.

Clarice estava realmente sozinha. Algo especial e brilhante, como que uma aura, resplandecia ao seu redor. Como ela estava gata! Vestia um traje sensual que, somado a uma maquiagem bem trabalhada, fazia dela uma mulher provocante. De pernas cruzadas, olhar sexy, cabelos soltos, Clarice parecia tão tranquila quanto firme em seu propósito.

- Demorei?
- Não mesmo. Senta aqui comigo. Queria muito conversar contigo.
- Que bom, porque eu tinha a mesma necessidade. Queria aproveitar para agradecer o seu presente.
- Gostou das flores que mandei?
- Bom... Gostei mais dos bombons, mas minha mãe curtiu muito as flores, sabe? Ela arranjou um vaso e tudo o mais... Mas eu curti sim o presente, especialmente a carta. Eu adorei tudo o que você escreveu.
- Então, você já sabe de minhas intenções.
- Deixe-me ver: você anda me olhando muito, me manda uma carta, flores, chocolates, me chama para um particular... É... Acho que só me falta um sapatinho de cristal.

Clarice riu de minha piada e foi logo se explicando.

— Eu sei que parece meio estranho, cara, mas sempre fui assim. Tipo, quando tô a fim do cara, eu não consigo ficar parada, esperando ele me notar. Fico impaciente. Por isso eu vou logo em cima mesmo, parto pra luta, e que seja o que tiver de ser.

— Confesso que sua atitude me intimidou um pouco. Quero dizer: a maioria das meninas que conheci vivia sonhando com um príncipe encantado que chegaria num cavalo branco e faria o pedido de casamento. Em algum momento, eu fiquei me sentindo a mocinha dessa história.

— Me desculpa se te intimidei. Não era minha intenção lhe expor ao ridículo ou lhe colocar numa situação vexatória. O que sei, cara, é que eu tô muito a fim de você, e que se você quiser, eu posso ser a sua princesa encantada. Você aceita namorar comigo?

— Mas já? Assim tão rápido? Não acha que está se precipitando como... como...

— Um homem? Talvez. Costumo pensar como um homem. Às vezes, acho mais prático. Não quero que pense que eu tô te colocando na parede, mas é o seguinte, cara: você diz sim, e eu mato minha vontade de te beijar; ou diz não, e eu me mando, mas fica tudo na paz entre a gente.

— Princesa, não é assim que se faz. Assim, você me sufoca. O que você acha da gente sair por aí num fim de semana, bater um papo bacana, comer uma pizza, tudo isso pra gente se conhecer melhor? Se rolar uma química, a gente pode até namorar. Antes disso, acho que não dá.

— Isto foi um sim ou foi um não?

— Isto foi um “talvez”.

— Nesse caso...

Clarice terminou a frase colando os seus lábios nos meus. O que posso dizer? Foi um beijo da hora! Nunca ninguém tinha me beijado assim. Aquela mulher era caso sério. E, deveras, o nosso caso se tornou sério mesmo. Clarice, a princesa encantada, é a minha mina agora e, talvez, para ela, eu continue sendo o seu mocinho indefeso. Vou cuidar, porém, de fazer o pedido de casamento antes que ela se antecipe, para firmar certeza de que serei eu quem irá de terno, e ela vestida de noiva.

# ANTES DO AZUL CHEGAR

(Lenda Romântica dos 15 Anos)

Perto de uma casa que ficava numa distante montanha chamada Lunella, havia uma bela cachoeira que jorrava águas cristalinas, vindas de um rio que nunca secava. Os moradores de Lunella tomavam banho na cachoeira quando ela ficava cheia. Todos a apreciavam muito.

Máurea, uma camponesa, filha de uma viúva chamada Dolores, era sempre a primeira a inaugurar a fonte de água da cachoeira de Lunella, na primeira cheia de todos os anos. Ela mergulhava profundamente naquele manancial de águas tranquilas, brincando de sereia Iara com as folhas que caíam das árvores. Punha flores no cabelo e jogava pétalas perfumadas para cima, que caíam sobre as águas azuis, serenas e celestes.

Máurea, outro dia, assustou-se, porém, com um barulho que anunciava a chegada de alguém. Passos firmes acusavam ser um homem. Rapidamente, ela gritou:

— Quem vem aí?

Rodrigo era um jovem rapaz que vinha banhar-se. Havia chegado do Rio de Janeiro e estava na casa de seus pais. O Sr. Azevedo recomendou um banho e a sugestão foi bem recebida. O lugar certo para banhar-se seria Lunella. Ao ouvir uma voz feminina que vinha da cachoeira, parou e perguntou:

— Quem está aí?

— Por favor, não venha agora. Estou terminando de me vestir.

Alguns minutos depois, o rapaz recebeu permissão para se aproximar.

— É que eu estava me banhando...

— Espero não lhe ter interrompido. Se quiser, eu posso voltar mais tarde.

Os dois, quando se viram, tiveram uma feliz sensação. Rodrigo nunca sentira aquilo antes em toda a sua vida. Decidiu conhecer a estranha camponesa.

— Então, você mora com sua mãe?

— Sim.

— Como é possível que ainda não seja casada?

- Por que você está dizendo isso? — perguntou Máurea, rindo.
- Deve ser porque eu achei você extraordinária.
- Vindo de um homem da cidade grande, isso é um elogio muito valioso. E você, é casado?
- Eu moro só.
- Depois fala de mim.
- Como assim? Por acaso, você acha que eu devia me casar?
- Sim. Um homem tão bonito como você...
- Acho que eu vou te beijar.

Máurea fez um olhar arriscado para ele que descia o rosto sobre o dela, beijando-a lentamente, conforme a queda da cachoeira de Lunella. Terminado o beijo, Máurea, confusa, perguntou:

- Por que você me beijou?
- De repente, senti vontade. Sei lá, mas desde que vi você, eu senti algo diferente.
- Também senti algo no meu coração. Será que o destino decidiu...
- Nos unir? Valerá a pena arriscar?
- Preciso conhecê-lo melhor.

Máurea e Rodrigo conversaram bastante. Entenderam-se as duas famílias e já namoravam os dois, poucos dias depois que se conheceram.

Uma noite, resolveram encontrar-se na cachoeira. A cada dia, Lunella estava mais bonita. Ali, nascera o amor entre aqueles dois apaixonados; por isso sentiam uma paz imensa naquele lugar.

- Já está tarde. Vamos embora — disse Rodrigo.
- Não, eu quero ficar aqui um pouco mais.
- Tudo bem, eu fico aqui com você.
- Na verdade, preciso ficar sozinha.
- Alguma coisa lhe perturba?
- Não, é que preciso pensar um pouco.
- Tudo bem — disse Rodrigo, despedindo-se de Máurea, beijando-lhe no rosto.

Máurea, sozinha, despiu-se e pôs os pés na água; foi descendo, descendo, até que a água cobriu-lhe todo o corpo.

\*\*\*

Desde aquela noite, nunca mais viram Máurea. Não encontraram o corpo em parte alguma. Rodrigo, na cachoeira de Lunella, chorou amargamente, gritando o nome de Máurea. Nada adiantava. Tudo o que encontrou foi uma flor no chão. Era a flor que Máurea tinha usado naquela noite. Ele apanhou-a, foi tirando as pétalas uma por uma e jogando na cachoeira, no manancial que levava sua amada para longe.

Tendo escurecido, a cachoeira de Lunella ficou triste e vazia. Se alguém estivesse ali, teria presenciado uma linda sereia que vinha das profundezas de Lunella. Ela sentou-se numa pedra e começou a cantar:

*Fui mulher um dia  
Com toda a certeza;  
O destino, porém, decidi  
Me tornar sereia.*

Sua voz ecoava por todo o lugar. Cantou até o dia começar a clarear. Chegou outra sereia e disse:

— Já está na hora de voltar, querida.

— Ah, Onda, só mais um pouquinho...

— Sente saudades dele, não é?

— Sim, nunca vou esquecê-lo.

— Lunella, porém, encantou-se com sua beleza; por isso a trouxe para cá. Você é agora a rainha das águas.

— Eu sei.

— Então, o que espera? Pode vir alguém.

— Vou esperá-lo para vê-lo ao menos de longe.

— Sabe o momento?

— Sei. Vou esperá-lo. Ele estará aqui e eu o verei ao longe, antes do azul chegar...

# UNIÃO INSTÁVEL |

— Então, será que a gente pode conversar agora?

— O quê? Você disse alguma coisa?

— Vamos ver... Eu estou aqui, com as mãos no sofá, apreciando você vendo esse jogo ridículo... Sim! Provavelmente, é porque eu estou falando com você, porque apreciar esse cenário...

— Não posso conversar agora.

— Ah, não? Quer dizer então que você prefere apreciar esse bando de homens, desesperados, correndo atrás de uma bola, do que conversar comigo que sou sua esposa. Pensando bem, até que não é um programa tão ruim. Como chama aquele moreno que tem umas pernas que, vou te dizer...

— Isso não vem ao caso. E pelo que me lembro, você não é minha esposa.

— Então, agora, eu não sou sua esposa. Que interessante! Puxa! Então, que terei sido durante todos esses meses em que moramos juntos? Sua escrava, sua amante, ou quem sabe alguém que em nada lhe diz respeito?

— Você sabe que eu odeio quando me incomodam na hora do jogo, e exatamente por isso você vem aqui, me amola até não poder mais, e nunca se satisfaz.

— E você sabe que eu odeio quando falo contigo, que você não me escuta. Acha mesmo que meu desejo é te incomodar? Tenho mais o que fazer, meu querido.

— Então, por que você não faz? Dá pra me deixar em paz e sossegado comigo mesmo?

— É que já faz tempo que eu quero ter essa conversa. Você nunca tem tempo pra mim. Você nunca me escuta. Você só me usa.

— Não venha com esse drama agora. Suas lágrimas não me convencem. O que você quer é estragar a minha folga. Será que não entende que não estou com saco para suas choradeiras? Fala logo de uma vez o que você quer!

— Eu quero ir embora.

— Do que você está falando? Eu ouvi bem? Você quer terminar tudo, não quer? Fala pra mim! É por outro? É por outro que você está me trocando?

— Me solte! Como você se atreve me acusar desse jeito? Eu só... não aguento mais. Eu tinha uma vida boa, minha família, um grande futuro pela frente. Então, o que eu fiz? Vim morar com você. “Mãe, estou apaixonada, vou embora.” Olha só no que deu!

— Agora, você vem me culpar? Eu não obriguei você a vir morar comigo. Desde o princípio, sabia onde eu morava, sabia que não era rico. Eu nunca te enganei.

— Você disse que me amava e não é verdade.

— Claro que amava, mas você me fez mudar. O que tem feito por mim todo esse tempo? Me sufocado com o seu ciúme doentio, me perseguindo dia e noite, cobrando isso e aquilo; dizendo o quanto eu sou inútil com os serviços domésticos, que não persevero com nada, que não penso no futuro. Quer saber? Eu estou cansado de você. Portanto, se quiser voltar pra sua mansão, pros seus empregados e pra todo o seu dinheiro, já vai tarde.

— Então, a culpa é toda minha? O que você achava que eu queria quando vim morar com você? Que a gente transasse todo dia? Era só isso? Você nunca se importou com a nossa relação, com o rumo que ela tomaria, com o “nós”. Talvez você não saiba nem o que é isso, porque é egoísta, e nunca aceitou que éramos um casal. Por isso você nunca quis casar comigo.

— Lá vem de novo com essa história de casamento. Se era isso o que você queria, por que não casou quando aquele boboca metido a rico pediu a sua mão? Não era com ele que sua mãe queria que você se casasse?

— Porque eu amava você. Estava iludida com suas juras de amor, com suas mentiras. Eu acreditei cegamente. Tive uma grande briga com os meus pais por sua causa. Nunca tinha discutido com eles daquele jeito. Naquela época, eu não conseguia pensar em mais nada que não fosse você. Eu caí na sua armadilha, achando que um dia você se casaria comigo, que formaríamos uma família, que nos reconciliaríamos com os meus pais.

— Mas eu nunca disse que queria isso. Você me dizia que estava cansada da sua vida, que era muito parada, medíocre e entediante. Dizia que não queria mais ter de aturar os seus pais dizendo o que tinha que fazer, com quem deveria sair, com quem deveria casar. Você era aquela menina que subia na minha moto, dizendo querer se aventurar, conhecer o mundo, voar para longe... Você era diferente. Não falava em casamento, filhos, relações sociais, reuniões em família...

— Eu me sentia sufocada. Precisava de um tempo. Eu gostava de namorar você. Era como um escape que eu tinha, algo que fazia tudo o mais valer a pena. O erro foi acreditar que a felicidade seria eterna, que éramos um casal perfeito: feitos um para o outro. O meu grande erro foi vir morar com você, achando que amaria viver daquele jeito pelo resto da minha vida.

— E você ainda tem a coragem de dizer que eu te enganei! Você que me enganou, demonstrando ser alguém que você não era. Como eu poderia saber que tudo aquilo era só uma fase na sua vida? O que você esperava? Que eu mudasse? Pois esse foi o seu grande erro. Sabe de uma coisa? Eu nunca quis que você mudasse. Eu amava aquela garota que não me criticava, que não questionava o meu jeito de viver, que sabia respeitar o meu espaço, como eu o dela.

— Não é que eu tenha mudado. Nós escolhemos mudar. Escolhemos viver juntos, dividir toda nossa vida um com o outro. Todo esse tempo, eu me importei tanto com você. Tanto que eu me esforcei em cuidar de seus interesses! Eu amei você com tudo que pude; suportei os seus ciúmes, suas exigências, suas regras, tudo. E pra quê? O que você tem me oferecido? Quem tem sido pra mim?

— Por acaso, alguma coisa tem te faltado? Estamos endividados? Tenho te negado alguma coisa?

— Sua atenção, sua presença, seu amor. Não fazemos planos, não pensamos no futuro... Viveremos sempre aqui? Não devo buscar um emprego melhor? Devo continuar meus estudos? Quando teremos um filho? Nada disso importa pra você.

— Não mesmo. Eu estou conformado com a minha vida, com a minha casa, com o meu trabalho, e também estava conformado com você, até certo tempo. Tudo ia bem, até que você decidiu que nem tudo podia continuar dando certo entre nós. Foi por isso que não me casei com você: porque pressentia isso. Sabia que mais cedo ou mais tarde você se cansaria de mim. Quem diabos inventou que os homens são inconstantes? As mulheres que são. Nada lhes agrada: nunca estou certo, nunca tenho razão, preciso melhorar. Por que você não se conforma com nada?

— O problema não sou eu. Você é quem não está preparado para ser esposo, para ser pai, para ser um homem de verdade.

— Então, agora, eu não sou homem o bastante pra você. Não está satisfeita? Tenho sido muito rápido, tenho te machucado, você não sente mais prazer?

— Não se trata só de sexo. Mas pra você, é a única obrigação de um esposo. Um esposo é muito mais que uma relação sexual. Um esposo é um homem que se importa, que se preocupa, que sabe ouvir...

— Por isso não me casei: para não ser esposo. Você concordou com isso quando veio morar comigo. Quanto a ter um filho, não sou eu quem toma anticoncepcional todos os dias. Sendo assim, tecnicamente, não sou eu quem não quer ter um filho.

— Como pode ser tão cínico? Colocar a culpa em mim. Acha que

podemos ter um filho nas condições em que vivemos? Que tipo de educação daríamos a ele? Se você se importasse em ter um filho, já teríamos planejado isso.

— Simplesmente, achava que era muito cedo. E pelo visto, estava certo, porque ainda não estamos um ano sob o mesmo teto, e já não nos suportamos mais. Imagine essa nossa briga com um choro de criança como fundo musical!

— Então, é assim? Acabou tudo entre nós dois?

— Se você for mesmo embora, por mim, acabou.

— E você quer que eu vá, não é? Liberdade, finalmente! Mulherada e bebida sem moderação. É isso o que você quer?

— Vou pensar na sua proposta.

— Ótimo! Então é isso mesmo. Eu já sabia. Não poderia ser diferente. Quando o amor acaba, não tem mais como refazer. As minhas coisas estão todas prontas. Não há mais sentido em ficar aqui. Adeus!

— Adeus! Mande lembranças à sua mãe por mim.

— Pode deixar.

— Só mais uma coisa! Você disse que o amor acabou. Foi de ambas as partes?

— Provavelmente.

— Nesse caso, qual amor terminou primeiro: o que sinto por você ou o que você sente por mim?

— O que você sente por mim, é claro.

— Não mesmo. O seu amor acabou primeiro. Será que nem isso você pode aceitar?

— Você é mesmo louco. Só está me fazendo perder tempo. Nunca sobre a Terra havemos ainda de concordar sobre alguma coisa.

— A louca aqui é você. Se eu estou ganhando tempo...

— Você é ridículo. Está zombando de mim. Está tentando me confundir. Mas escute bem aqui uma coisa: eu não caio nessa. Não vou me sentir culpada por sua causa.

— Claro que vai. Tudo bem que ainda não esteja se sentindo assim, mas irá. Vai sentir minha falta, vai me desejar, e eu não vou estar lá.

— Ah, sim... Você é irresistível... Nenhum outro homem lhe poderia superar.

— Sei que não está sendo irônica.

— Claro que estou.

— Não está não.

— Seu bobo!

— Bobo? Você que pensou que meu amor acabou primeiro, e eu sou bobo.

— Você que pensou isso de mim, mas se enganou. É você que não quer aceitar.

— Nesse caso, se o meu amor não acabou primeiro, nem o seu... Talvez o nosso amor não tenha acabado ainda.

— Onde ele está então? Devo estar cega, porque não enxergo um amor assim, tão grande...

— Talvez nós dois estejamos.

— É inútil. Não vou procurar o que não existe. Não existe mais amor. Tenho que ir embora.

— Não vai não.

— Quem vai me impedir? Quem? Você?

— Não mesmo.

— Ótimo. Neste caso, não vejo mais ninguém. Não há empecilho. Eu vou e...

— ...

— ...

— ...

— Não posso! Eu não posso. O amor não me deixa. Ele não me deixa sair daqui. Por quê? Por quê? Por quê?

— Porque o amor ainda não acabou.

— Oh, sim, me beije. Eu não posso mais conter o amor.

— Ninguém pode. É assim mesmo.

— O que será de nós, então? Não podemos mais viver nessa situação. O que vamos fazer?

— Vamos nos casar.

# ONDE ESTÁ A FELICIDADE |

Você viu minha Felicidade passar por aqui?

Ela é formosa como o sol e colorida como o arco-íris. Uma assim alta, corpulenta e vistosa. Tem um brilho celeste nos olhos e é de uma beleza exótica e exuberante. Seu valor não se calcula em moeda alguma. É mister que perguntem como a perdi.

Nem sei bem explicar. Estávamos andando de mãos dadas pelas Veredas do Destino. Nossos dedos estavam entrelaçados. Sentia-me imensamente feliz, o mais feliz dos homens, e minha Felicidade sorria para mim. Seu sorriso, porém, trazia algo subliminar, algo que precisava decifrar. Era como se fosse um alerta. Ao que parecia, estávamos bem. Nada poderia quebrar nossa paz! Foi quando, de repente, um vento impetuoso nos surpreendeu e nos apartou. Senti quando nossos dedos foram separados. Sentimento este de profunda dor! Mal podia acreditar. Vi-a ir-se, os cabelos esvoaçando, em meio ao furacão, afastando-se rapidamente.

Passada a tormenta, vi-me só e fiquei desesperado. Era verdade. Felicidade não estava mais comigo. Desde então, comecei a procurá-la nos quatro cantos da Terra. Não é possível que tenha sumido desse jeito. Simplesmente, ninguém tem uma única notícia de minha querida Felicidade. Quando digo que um vendaval a levou, simplesmente, olham para minha cara com uma expressão de lástima. Ainda assim, não quero me lastimar. Tenho esperanças de encontrá-la. Por isso mesmo, sigo buscando-a em todas as vivendas, de sítio em sítio.

Durante este percurso, a Angústia ofereceu-se para me fazer companhia. Receei num primeiro momento. Todo mundo sabe o que dizem da Angústia e de suas intenções. No entanto, não posso negar que estive com ela, envolto em seus braços sufocantes. Em seguida, ela me entregou ao Sofrimento, que me recebeu acolhedoramente, como se precisasse de mim para existir. Foi aí que me achei completamente preso, cativo, sem saída. Contudo, não era o único detento. Conheci outros sujeitos que também padeciam no cárcere do Sofrimento. Passamos dias e noites juntos, cada um contando a sua história. Conversávamos por muitas horas. Um deles dizia temer a Morte. Dizia que tal como a Angústia nos levou ao Sofrimento, este mesmo nos levaria à Morte. Tremi, cheio de pavor.

Certa noite, pusemos em ação certo plano que, já há bastante tempo,

arquitetávamos. Planejávamos fugir. Tínhamos cúmplices, uns sujeitos que antes de nós, escaparam do Sofrimento. Estes nos advertiam, dizendo sempre que não seria fácil, que teríamos de nos esforçar ao extremo. Não tínhamos nada a perder. Estávamos decididos e dispostos a correr todo e qualquer risco. Assim, com muita prudência, íamos ouvindo com máxima atenção a todas as palavras dos homens livres. Eles conheciam, exatamente, o caminho que nos levaria à saída do cárcere do Sofrimento. Como nos advertiram, realmente, não era uma trajetória simples. Teríamos que fazer vários sacrifícios e abandonar muitos dos objetos que preenchiam nossas bagagens. Não foi fácil para mim ter que me desfazer de coisas a que era tão apegado. Alguns de meus companheiros acabaram desistindo de nosso propósito por isso mesmo. Eles não estavam dispostos a sacrificar seus bens materiais.

Sem nem acreditar direito, hoje, estou do outro lado da cela. Escapei ao Sofrimento e, por conseguinte, à Morte. Sigo, lamentando pelos companheiros que não alcançaram a mesma façanha. Embora do lado de fora, ainda não consegui recuperar minha amada Felicidade. Sei, porém, que ela está em um sítio qualquer, esperando por mim. É por isso que não desistirei tão fácil. Tenho fé de que vou encontrá-la um dia, e daí, jamais seremos separados outra vez.

Depois de tanto, tanto sonhar, ela acordou sobressaltada, por um terrível barulho, que foi o que a despertou.

Inesperadamente, os portões, que davam entrada ao jardim secreto, fechavam-se por uma força sobrenatural e avassaladora.

Tudo o que era paz tinha ido embora. Estava outra vez desesperada, com medo de que aquilo não fosse apenas mais um de seus sonhos. Não havia como escapar. Estava presa para sempre.

Era noite escura. Tudo mudara como que por mágica. Segurava com força as frias grades dos enormes portões, caída ao chão, soluçando amargamente, com a cabeça encostada à dureza férrea. Suas forças chegaram ao fim.

“Mas, afinal, quem é ela?”, devem estar se perguntando.

Ninguém sabe ao certo.

Talvez a consciência de alguém que perdeu seu sonho em algum lugar.





GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria da Educação*